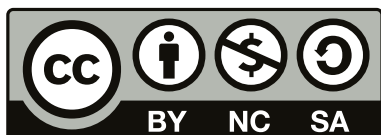


#TAMO JUNTO

3ª edição

Guia do Componente Familiar e Comunitário

**#TAMO
JUNTO**
3ª edição



Guia do Componente do Componente Familiar e Comunitário - #Tamojunto 3ª edição do Ministério da Justiça e Segurança Pública e Fundação Oswaldo Cruz é disponibilizada nos termos da Licença Creative Commons - Atribuição - Não Comercial - Compartilhamento pela mesma licença 4.0 Internacional. é permitida a reprodução parcial ou total desta obra desde que cite a fonte.

#Tamojunto - 3ª edição - Versão brasileira adaptada do programa Unplugged*

*Unplugged é um programa desenvolvido pela EU-DAP (Experiência de Prevenção do Uso de Drogas na Europa). Foi adaptado para sua terceira edição pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública e Fundação Oswaldo Cruz. O Instituto EU-DAP OED, em Turim, possui os direitos autorais das versões para a língua inglesa.

Revisão: Maria Fernanda Piconez e Trigueiros
Projeto gráfico Diagramação: Ohpá! Design e Comunicação
Direção: Nara Denilse de Araújo

362.2917

G943 Guia do componente familiar e comunitário : # tamo junto / elaboração de texto European Drug Addiction Prevention ; direção Nara Denise de Araújo ; revisão Maria Fernanda Piconez e Trigueiros . – 3. ed. – Brasília : Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas e Gestão de Ativos (Senad), 2025.
75 p.

Trabalho em parceria da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas e Gestão de Ativos (Senad) com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

ISBN 978-85-5506-224-7

1. Drogas, política de prevenção, Brasil. 2. Adolescente, proteção, Brasil. 3. Escola, atuação, Brasil. I. European Drug Addiction Prevention. II. Araújo, Nara Denise de. III. Trigueiros, Maria Fernanda Piconez e. IV. Brasil. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas e Gestão de Ativos (Senad). V. Título.

CDD

Ministro da Justiça e Segurança Pública: Enrique Ricardo Lewandowski

SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS E GESTÃO DE ATIVOS (Senad)

Secretária: Marta Rodriguez de Assis Machado
Diretora de Prevenção e Reinserção Social: Nara Denilse de Araújo
Coordenador-geral de Reinserção Social: Raphael Calazans de Souza
Coordenadora de Articulação e Parcerias: Sara Maria Baptista Reis
Coordenador de Proteção Social: Andre Wagner Carvalho de Oliveira
Coordenadora-geral de Prevenção: Flora Moura Lorenzo
Coordenador de Projetos de Prevenção: Antônio Rafael da Silva Filho

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (Fiocruz)

Presidente: Mario Santos Moreira
Diretora Fiocruz Brasília: Fabiana Damásio Passos
Coordenador Nacional: André Vinicius Pires Guerrero
Referência institucional para o Projeto GENTE: Helena Fonseca Rodrigues
Assessora de Governança e Gestão : Ana Cecília Miranda de Araújo
Referência Técnica Nacional de Prevenção: Luiz Felipe Zago
Referência Técnica Nacional de Articulação Intersetorial: Igo Gabriel dos Santos Ribeiro
Referência Técnica Nacional de Formação: Marcelo Pedra Martins Machado

EQUIPE TED SENAD / FIOCRUZ

Referência Nacional de Gestão Interinstitucional: Robelle Silva Damasceno
Assessor de Monitoramento I: Fábio Augusto Melo Assunção
Assessora de Monitoramento II: Letícia Cortellazzi Garcia
Assessor Administrativo- financeiro: João Carlos de Jesus Medeiros
Consultora de Publicação e Design: Emanuelle Arcângela Patrocínio Alves
Articuladora de Prevenção: Débora Estela Massarente Pereira
Articulador Intersetorial: Jadir de Assis
Articuladora de Pesquisa e Capacitação: Tamires de Oliveira Garcia

GUIA DO COMPONENTE FAMILIAR E COMUNITÁRIO - #Tamojunto 3ª edição

Elaboração de texto:
European Drug Addiction Prevention - EU/DAP

Revisão técnica :
Ana Carolina da Conceição
Glaina Maria Santos Costa
Jane Moraes Lopes
Ramon Damião de Sena Santos
Rebeca Chabar Kapitansky

Supervisão: Debora Estela Massarente Pereira
Colaboração: Raquel Turci Pedroso
Revisão: Maria Fernanda Piconez e Trigueiros
Projeto gráfico e Diagramação: Ohpá! Design e Comunicação
Direção: Nara Denilse de Araújo

REALIZAÇÃO

SECRETARIA NACIONAL DE
POLÍTICAS SOBRE DROGAS
E GESTÃO DE ATIVOS

MINISTÉRIO DA
JUSTIÇA E
SEGURANÇA PÚBLICA



APOIO



AGENDA					
ATIVIDADES	Planejamento	Divulgação	Realização	Texto Informativo	Avaliação
Primeira oficina					
Segunda oficina					
Terceira oficina					
Avaliação final					

EQUIPE DE TRABALHO		
Nome	E-mail	Telefone

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	06
PÚBLICO DAS OFICINAS	07
OBJETIVOS GERAIS	07
EQUIPE DE FACILITAÇÃO LOCAL	08
CONDUÇÃO DE GRUPOS	10
ESTRATÉGIAS DE INTERATIVIDADE	11
ETAPAS PRÉVIAS PARA AS OFICINAS	12
Planejamento	12
Divulgação	13
Meios de divulgação	13
O que escrever no convite?	14
Texto informativo	14
Dicas	15
Lembrete	16
 ROTEIRO DA PRIMEIRA OFICINA PARA FAMILIARES E RESPONSÁVEIS	 18
 ROTEIRO DA SEGUNDA OFICINA PARA FAMILIARES E RESPONSÁVEIS	 26
 ROTEIRO DA TERCEIRA OFICINA PARA FAMILIARES E RESPONSÁVEIS	 36
 ANEXOS	 46
Anexo A – Energizadores	46
Anexo B – Textos de apoio	56
Anexo C – Crônica: Papos de Quinta à Noite	66
Anexo D – Bibliografia complementar	70
Anexo E – Sugestões de frases para os crachás	72

APRESENTAÇÃO

Este Guia do Componente Familiar e Comunitário é parte do conjunto de materiais de apoio da Metodologia #Tamojunto e apresenta roteiros para a realização das três oficinas das quais participam familiares e/ou pessoas responsáveis pelas(os) adolescentes alcançadas(os) pela metodologia e possíveis pessoas interessadas da comunidade.

As oficinas são realizadas por profissionais de Saúde e Educação no mesmo período em que as 12 aulas do #Tamojunto são ministradas por professoras e professores das escolas que implementam a metodologia.

Em pesquisas e acompanhamentos realizados nas últimas décadas verificou-se que os bons vínculos familiares e comunitários são fatores de proteção importantes em relação ao comportamento de uso de álcool, tabaco e outras drogas pelas(os) adolescentes. Nesse sentido, mostra-se fundamental o envolvimento da família e da comunidade nos programas preventivos voltados a esta faixa etária.

A possibilidade de diálogo e afeto dentro dos núcleos de pertencimento da(o) adolescente é de suma importância para seu desenvolvimento saudável, fortalecendo os vínculos e as relações de confiança. Ademais, estudos comprovam que o comprometimento de mães, pais ou responsáveis com estratégias de prevenção colabora para sua efetividade.

A Metodologia #Tamojunto 3ª Edição é resultante de um processo de adaptação transcultural para a realidade brasileira do programa originalmente intitulado *Unplugged*, recomendado pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC) por evidências de efetividade e possibilidade de adaptação a várias culturas.

Desde a primeira avaliação da Metodologia #Tamojunto no Brasil, em 2013, os dados de avaliação de processo evidenciaram alta aceitabilidade e viabilidade nas escolas públicas brasileiras. Estudos de avaliação (Sanchez et al., 2021; Gusmões et al., 2018 ; Valente et al., 2023) apresentaram como resultados:

- Efeitos protetivos para uso no ano de álcool, maconha e inalantes (mais significantes na faixa etária de 13 a 15 anos);
- Redução da iniciação ao uso de álcool: adolescentes do 8º ano participantes das aulas tiveram 22% menos chances de iniciar o uso de álcool do que estudantes do grupo que não receberam a intervenção;
- A redução da iniciação ao uso de álcool chegou a 30%, demonstrando que aquelas(es) que participaram de mais aulas do programa estavam mais protegidas(os) de iniciar o uso de álcool;
- 70% das(os) adolescentes consideraram que a metodologia ajudou com questões de escolhas e projetos de vida;
- 80% das(os) adolescentes declararam que a metodologia ajudou a melhorar o clima da sala de aula;
- Promoção de efeitos protetivos em relação ao *bullying*.

PÚBLICO DAS OFICINAS

É possível observar nas relações sociais a manifestação da diversidade quanto aos arranjos familiares, das pessoas que se comprometem com a garantia dos cuidados e apoio necessários para o desenvolvimento e bem-estar de crianças e adolescentes. Assim, como pessoas responsáveis considera-se: mãe, pai, tias e tios, avós e avôs, madrinhas e padrinhos, ou seja, pessoas próximas que desempenham esse papel de cuidado, vínculo e apoio.

O conjunto de oficinas deste material destina-se ao público mencionado, bem como à rede de proteção da qual a(o) adolescente recebe apoio e referências. Aqui, incluem-se pessoas da comunidade sensíveis às suas necessidades de desenvolvimento (afetivo e material), no sentido de lhe oferecer condições para lidar com os desafios inerentes a essa fase da vida.

Considera-se que as estratégias de prevenção em saúde possam ocorrer em diferentes níveis, desde ações voltadas para toda a comunidade até aquelas destinadas a grupos e/ou situações específicas. Assim, a Metodologia #Tamojunto atua na prevenção universal, ou seja, destina-se a toda uma população, sem distinção entre aqueles grupos em situação de risco (prevenção seletiva) ou indivíduos em situação de risco (prevenção indicada).

A ação também busca fortalecer os fatores de proteção e minimizar fatores de risco diante das possibilidades de uso e uso problemático de drogas, incidindo na promoção do desenvolvimento de habilidades que configurem um olhar protetivo referente ao início do consumo e da ocorrência de problemas associados ao uso de álcool e outras drogas.

No caso do uso de álcool, tabaco e outras drogas, os fatores de risco podem ser descritos como características pessoais, sociais e/ou ambientais que tornam pessoas (ou grupos) mais vulneráveis ao uso dessas substâncias, potencializando possíveis desdobramentos desse comportamento. Por outro lado, os fatores de proteção são as características pessoais, sociais e/ou ambientais que contribuem para a redução da probabilidade do uso de álcool, tabaco e outras drogas (Bibliografia complementar – Anexo D - pág. 70).

OBJETIVOS GERAIS

O objetivo das oficinas para familiares e responsáveis é sensibilizar a rede de proteção a respeito das particularidades da relação com as(os) adolescentes durante as mudanças e instabilidades características desta etapa da vida que incidem sobre a saúde física e mental, expondo-as(os) a possibilidades aumentadas de experimentação e uso de álcool, tabaco e outras drogas e, consequentemente, a seus riscos associados.

Assim, busca-se aproximar as gerações de modo que as pessoas adultas possam estar mais próximas de adolescentes, principalmente frente às particularidades dessa etapa, mobilizando-as a terem uma posição mais ativa quanto à prevenção do consumo de substâncias psicoativas por adolescentes.

Busca-se, também, proporcionar uma compreensão mais ampla deste período que, apesar de ser constantemente retratado com ênfase nos aspectos difíceis ou negativos, traz, em si, muitas potencialidades e possibilidades de crescimento e reconfiguração dos relacionamentos entre adolescentes e sua família e/ou pessoas responsáveis.

Nas oficinas procura-se oferecer um ambiente no qual quem participa possa falar e ser ouvida(o), compartilhando sentimentos e percepções a respeito da educação e convivência com adolescentes, dificuldades e dúvidas, proporcionando um espaço de troca de experiências entre responsáveis e demais pessoas. Assim, espera-se contribuir com o fortalecimento e formação de novos vínculos comunitários, bem como com experiências individuais e coletivas de pertencimento.

Resumindo

Objetivos:

- Proporcionar um espaço de compartilhamento de experiências entre familiares, responsáveis e professoras(es) a respeito da educação das(os) adolescentes e das dúvidas e sugestões sobre como lidar com questões inerentes a essa fase;
- Possibilitar a troca horizontal de saberes e a construção de ações comunitárias entre Educação e Saúde;
- Ampliar as possibilidades de atuação de familiares e responsáveis na educação das(os) filhas(os), indicando a importância de uma relação próxima a partir da escuta e enfatizando o benefício do estabelecimento de relação de proximidade com adolescentes;
- Oferecer orientações fundamentadas em evidências científicas a familiares e responsáveis.

EQUIPE DE FACILITAÇÃO LOCAL

Por meio da proposta interativa da Metodologia #Tamojunto, a Equipe de Facilitação Local (composta por profissionais de Educação e Saúde, bem como de outros setores) torna-se co-responsável pela criação e manutenção do espaço de acolhimento e partilha entre as pessoas.

Ao participarem deste compartilhamento de vivências, é possível que a proximidade entre educadoras(es), profissionais da saúde e responsáveis se fortaleça. A parceria transdisciplinar e intersetorial também tem por objetivo possibilitar a troca horizontal dos saberes e a articulação de conhecimentos entre os setores da Saúde e Educação, importante para o estabelecimento de ações conjuntas em prol do desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes.

Enquanto na escola o contato com o público adolescente ocorre no cotidiano, favorecendo o acesso a essa população, é possível perceber que a presença desse público nos equipamentos de saúde é menos frequente. Contudo, profis-

sionais da área da Saúde podem contribuir com seus conhecimentos específicos, ampliando a possibilidade de novos olhares e encaminhamentos de ações nos territórios. Assim, o encontro entre profissionais dos setores de Educação e Saúde se configura, também, como uma oportunidade para construção de uma atenção à saúde que exceda os limites da escola e Unidade Básica de Saúde (UBS) e/ou Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), abrangendo os recursos específicos de cada território¹.

Ressalta-se a necessidade da participação de profissionais de Saúde em ao menos uma ou mais oficinas da Metodologia #Tamojunto, para que sejam ampliadas essa parceria e essa troca de saberes e fazeres, além da oportunidade de um conhecimento mais próximo da realidade das(os) adolescentes cujas famílias e responsáveis estarão nas oficinas. O conhecimento aprofundado sobre a Metodologia #Tamojunto é fundamental para que as equipes de Formação Local e de Facilitação Local sejam coerentes com a proposta global de trabalho.

Uma vez participado do curso de formação e estando aptas(os) à implementação da metodologia, essas(es) profissionais locais são estimuladas(os) a ocupar essas funções (de facilitação e formação), planejando e conduzindo as oficinas.

Facilitadoras(es) e apoio locais disseminam as metodologias com qualidade, fidelidade e sustentabilidade e acompanham o processo de implementação.

Ao longo do processo, a equipe de formação local do território poderá contar com suporte técnico para formação continuada, podendo tirar dúvidas sobre prevenção do uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes, assim como a respeito da Metodologia #Tamojunto, esperando-se que também possa, a partir de sua experiência, contribuir com sugestões de atividades que possibilitem o enriquecimento dos encontros.

Destaca-se que algumas situações inesperadas (ou diferentes do planejado, como, por exemplo, o número de pessoas abaixo do esperado) podem demandar adaptações durante o processo. Sugere-se que sejam observadas algumas dicas de manejo e condução de grupo e das atividades no item Condução de Grupos, pág. 10 deste guia.

Reforça-se que a participação de profissionais de Saúde e Educação em todas as etapas da realização das oficinas é fundamental. Busca-se, dessa maneira, uma melhor integração da equipe e, conseqüentemente, mais qualidade nos resultados.

¹ A abordagem territorial permite fazer ou implementar a integração entre os setores da gestão pública, sustentando a concepção de promoção de saúde. O território é o locus, onde se verifica a interação população/serviços em nível local, sendo mais que um simples recorte político-operacional do sistema de Saúde. Assim, deve ser compreendido e visualizado espacialmente por profissionais e gestores das distintas unidades prestadoras de serviços de Saúde na resolução dos problemas e necessidades de uma população específica, que vive em tempo e espaço singulares. O Sistema Único de Saúde (SUS) utiliza uma variedade de nomenclatura e divisões territoriais para operacionalizar suas ações. Refere-se a áreas de atuação de caráter administrativo, gerencial, econômico ou político, que se estruturam no espaço e criam territórios próprios, dotados de poder (município, distrito sanitário, microárea, a área de abrangência de unidades de saúde etc).

CONDUÇÃO DE GRUPOS

Para a condução do grupo, as pessoas facilitadoras devem estar atentas a alguns aspectos:

- **Vínculo entre as pessoas participantes:** a primeira atividade a ser proposta para o grupo deve ser pouco expositiva, com o objetivo de proporcionar a descontração inicial e um primeiro contato entre participantes;
- **Espaço de fala:** é importante sempre manter a atenção direcionada a todo o grupo para garantir voz e vez a quem tem mais dificuldade para se colocar na roda. Muitas vezes, pessoas mais retraídas fazem menção de falar, porém, sem sucesso por serem interrompidas por outras que se colocam com mais facilidade. É fundamental estar atenta(o) a este tipo de situação para favorecer a participação ativa de todas as pessoas e, se necessário, solicitar que o espaço seja compartilhado de modo a que todas(os) possam manifestar-se se assim desejarem;
- **Participação com respeito:** é possível que algumas pessoas prefiram escutar de modo mais reservado e não se sintam à vontade para participar verbalizando suas ideias e opiniões. A pessoa responsável pela facilitação pode procurar motivá-las a participar, podendo fazer um convite direto se perceber essa possibilidade, tendo cuidado para não fomentar exposições desnecessárias. Assim, recusas devem ser naturalmente aceitas e respeitadas, e nenhuma pessoa deve ser forçada a participar (pode-se convidar a mesma pessoa a participar da atividade seguinte e/ou considerar as formas de participação não verbal);
- **Administração do tempo:** uma estratégia que pode facilitar a administração do tempo (quando as discussões tendem a se prolongar demasiadamente) é limitar o número de novas contribuições durante as discussões no coletivo, para abreviá-las e concluir o debate. Lembre às pessoas participantes sobre agenda apresentada e atividades programadas para o dia. Por exemplo: dizer que haverá espaço para apenas mais três falas sobre determinado assunto;
- **Síntese da discussão:** faça intervenções no coletivo para que as pessoas participantes organizem o que foi discutido, como o fechamento reflexivo de cada atividade;
- **Foco:** quando considerar que o foco principal da discussão está se desviando para assuntos desconectados da proposta do encontro, sugere-se fazer perguntas ao grupo ou intervir para que se retome o foco da discussão;
- **Tensões grupais:** no caso da ocorrência de conflitos entre as pessoas participantes, recomenda-se que a(o) responsável pela facilitação dê ao grupo a possibilidade de buscar uma solução ao problema.
- **Confiabilidade/respeito/sigilo:** é necessário firmar alguns compromissos entre as pessoas participantes quanto à forma de funcionamento do grupo. É importante lembrá-las do direito de cada uma dizer o que pensa e ser ouvida com respeito, da possibilidade de divergências de opiniões e da importância do sigilo em relação às falas. O sigilo é fundamental para criar um ambiente de segurança e garantia de privacidade frente aos relatos das(os) participantes, construindo-se um espaço de confiança e acolhimento de suas vivências, o que é fundamental para a continuidade do trabalho. Nesse momento, também poderá ser reforçada

a necessidade da pontualidade conforme os horários combinados para o início e finalização das oficinas.

A pessoa responsável pela facilitação deve estar atenta quanto ao nível de exposição das pessoas participantes. A oficina não tem objetivos psicoterapêuticos e tampouco se presta a realizar atendimentos individuais. Assim, participantes devem ser protegidas(os) em relação a maiores exposições pessoais. Se for o caso, a pessoa responsável pela facilitação deve interferir nessa direção, conduzindo com perguntas ou pontuações sobre o tema abordado, com o cuidado necessário para não desvalidar possíveis reverberações dos relatos pessoais, mas sinalizando a importância de retomar o proposto para o momento da oficina.

ESTRATÉGIAS DE INTERATIVIDADE

Uma das principais características da Metodologia #Tamojunto é a ênfase na interatividade. A equipe de facilitação local media o processo de aprendizado a partir da troca de experiências entre as pessoas participantes, o qual a diferença das abordagens preventivas exclusivamente informativas.

A Metodologia #Tamojunto entende a troca horizontal entre participantes como fundamental, recorrendo às técnicas dinâmicas que motivam o trabalho em pequenos e/ou grandes grupos, favorecendo discussões produtoras de reflexão, conhecimento e desenvolvimento de habilidades sociais.

Entre as estratégias utilizadas para promover a interatividade, destacam-se:

- **Disposição das pessoas participantes em roda:** o formato em roda deve possibilitar que todas as pessoas se visualizem num espaço de acolhimento, favorecendo a expressão de suas opiniões e experiências, tomando o cuidado de fazer adaptações necessárias para que ninguém fique de fora, como por exemplo, pessoas com deficiências;
- **Discussão inicial em pequenos grupos para posterior compartilhamento da discussão em grande grupo:** em geral, as pessoas têm mais facilidade de falar em pequenos grupos. Durante as atividades, primeiramente, as pessoas participantes são organizadas em pequenos grupos. Na etapa seguinte, as(os) representantes dos pequenos grupos apresentam os principais pontos discutidos para o coletivo. Essa estratégia protege as(os) participantes que eventualmente se sintam tímidas(os) para expressar a sua opinião para o grande grupo, possibilitando um espaço seguro para falar e ouvir. Torna, também, a atividade mais dinâmica, uma vez que determinadas discussões, quando realizadas no grande grupo, tendem a se prolongar e serem protagonizadas apenas por algumas pessoas, centralizando o debate. Sempre que possível deve-se iniciar a realização das atividades em pequenos grupos, seguindo para o grande completo;
- **Utilização de energizadores:** os energizadores (Anexo A - pág. 46) são atividades interativas, dinâmicas e lúdicas, que podem ser realizadas com diferentes objetivos, conforme o tipo de atividade proposta e as demandas das pessoas participantes. Assim, sugere-se:
 - Dividir as pessoas em pequenos grupos;
 - Promover um momento de descontração após os momentos mais

densos de discussão ou reflexão, facilitando a concentração na atividade seguinte;

- Possibilitar a aproximação entre as pessoas participantes do grupo;
- Aquecer o grupo, preparando-o, de maneira lúdica e descontraída, para uma reflexão que favoreça o andamento da próxima atividade;
- **Formato dinâmico:** na sequência de atividades propostas, alternam-se momentos de trabalho em grupo com momentos de trabalho e reflexão pessoal. As discussões em grupo auxiliam as pessoas participantes na exposição de suas opiniões, enquanto a reflexão pessoal possibilita assimilação do aprendizado e o contato com sentimentos e ideias próprias.
- **Caráter vivencial:** baseada no modelo de aprendizagem ativa, a metodologia oferece momentos em que as pessoas participantes vivenciam, em um ambiente seguro os desafios comumente vivenciados na relação com as(os) adolescentes. Pelas ações gradativas de facilitação, as(os) participantes experimentam novas habilidades e possibilidades de ações da relação cotidiana, abrindo-se assim um espaço de praticar formas de lidar com situações desafiadoras e difíceis na relação com adolescentes.

ETAPAS PRÉVIAS PARA AS OFICINAS

Planejamento

Durante a fase do planejamento das oficinas será fundamental definir a forma de participação e contato entre os diferentes setores, auxiliando na articulação das(os) profissionais que participarão das oficinas.

A proposta da realização das oficinas para familiares e responsáveis, pelo grupo parceiro Saúde/Educação, traz, entre alguns desafios, a elaboração de uma ação conjunta e compartilhada, uma vez que diferentes áreas de atuação profissional possuem variados modelos em relação à abordagem dos assuntos educativos com familiares e responsáveis.

É bom lembrar que os diferentes saberes podem ser complementares, sendo indicado que ambos os setores participem do planejamento das oficinas. Além disso, a coerência com a metodologia pode contribuir para que a equipe participante esteja engajada em torno de um propósito comum, tendo nitidez quanto a seus papéis e contribuições no processo.

Sugere-se que o planejamento dos encontros seja realizado previamente. Também é preciso atenção à preservação dos espaços para avaliação do processo e avaliação final, reservando momentos para avaliação e escuta sobre os encontros, com vistas ao aprimoramento tanto das ações futuras quanto da atuação da equipe de facilitação dos encontros.

Para facilitar o processo prévio de planejamento e organização das oficinas para familiares e responsáveis, sugere-se a utilização da agenda, que está na pág. 4 deste guia.

Neste guia são apresentados os roteiros de atividades propostas para cada uma das três oficinas, com sugestões de atividades opcionais que podem ser escolhidas pela equipe de acordo com a avaliação do grupo de trabalho quanto às demandas e pertinência para seu território.

O grupo de profissionais pode estudar o roteiro sugerido para cada oficina e trabalhar na adaptação do presente material durante o encontro presencial para planejamento, construindo uma proposta mais apropriada à realidade local.

Resumindo:

Participam do processo de planejamento, realização e avaliação das Oficinas:

- pessoas representantes da gestão escolar (coordenação/equipe diretiva);
- profissionais de que atuam no setor da saúde no território;
- professoras(es) que aplicam as aulas da Metodologia #Tamojunto.

Divulgação

A divulgação do encontro é parte fundamental da realização das oficinas para familiares e responsáveis. Uma vez definido quem irá participar, as pessoas facilitadoras devem se ocupar de divulgar a informação de que os encontros serão realizados, qual é o propósito, quando, onde e o tempo de duração previsto.

A equipe responsável pela organização e facilitação das oficinas deverá considerar peculiaridades do território para definir o grupo de participantes, tais como previsão da adesão das(os) responsáveis, histórico de participação da comunidade em atividades promovidas pela escola e o espaço físico disponibilizado para o evento.

O convite será prioritariamente direcionado à rede de apoio das(os) estudantes que estejam participando das aulas do #Tamojunto, podendo ser extensivo a todo o Ensino Fundamental, incluindo entre as pessoas participantes das oficinas, lideranças comunitárias, a comunidade do entorno, o Conselho Gestor etc. Considera-se que outros sujeitos, além das pessoas responsáveis, possam ter um papel importante na divulgação das reflexões e ações preventivas em relação à adolescência e ao uso de álcool e outras drogas.

Essa decisão deverá ser tomada na reunião de planejamento e reavaliada a cada encontro.

Meios de divulgação

A decisão sobre o meio de divulgação mais estratégico para a comunidade específica de seu território cabe às equipes de saúde e educação responsáveis pelo planejamento e facilitação das oficinas. Usualmente, sugere-se o uso de bilhetes/comunicados impressos que transmitam a mensagem e que

possam ser entregues pelas(os) adolescentes. Outro caminho pode ser o uso das redes sociais institucionais, caso o equipamento disponha, sendo que a divulgação também pode ser feita durante as reuniões que ocorrem regularmente nas escolas, ao longo do período letivo e/ou em outros equipamentos da comunidade.

Independentemente da escolha em relação à forma de divulgação, é fundamental que as(os) adolescentes compreendam previamente o propósito das oficinas, buscando-se desconstruir a ideia de que a participação das pessoas responsáveis nessas atividades durante o período de realização das aulas do #Tamojunto possa ameaçar sua privacidade ou resultar em repreensões.

O que escrever no convite?

Outro ponto que merece atenção refere-se ao cuidado em relação à mensagem (escrita ou falada) presente no convite da oficina para familiares e responsáveis. Um ponto a ser considerado são os termos que devem ser usados. Deve-se falar diretamente que será abordada a temática sobre drogas? Se sim, qual a melhor forma de dizer?

No momento do convite, as pessoas responsáveis pela facilitação precisam pensar em estratégias que favoreçam a comunicação e motivação para participar, como a utilização de uma linguagem acessível e objetiva, títulos atrativos e recortes na abordagem. Lembrando que o foco não é a temática sobre drogas, mas os diálogos sobre a adolescência, as relações parentais, as trocas de saberes, o compartilhamento de vivências, sem nenhuma pretensão de discussão ou resolução de situações pessoais e individuais relatadas pelas pessoas participantes.

Recomendações para a elaboração de convites para as oficinas:

- Atenção à objetividade e precisão da linguagem;
- Informações completas, mas sucintas;
- Escolha de vocabulário acessível;
- Disponibilidade de um contato para mais informações.

Texto informativo

Pode ser interessante escrever um breve texto informativo após cada oficina, em que as pessoas responsáveis que não puderam estar presentes sejam informadas de forma simples e objetiva sobre o que foi discutido. Além disso, o informativo seria uma estratégia para estimular a participação nos próximos encontros.

O texto informativo da(s) oficina(s) anterior(es) poderá ser anexado à carta-convite, a critério da equipe responsável. Na experiência de algumas escolas, o texto foi publicado em redes sociais e/ou no site da instituição.

DICAS

- **Linguagem e características regionais:** considerar particularidades territoriais, observando a adequação da terminologia utilizada para conseguir melhor comunicação com a comunidade;
- **Atividades alternativas:** observar a pertinência da realização de atividades individuais que exijam leitura e escrita, evitando causar constrangimentos para pessoas que têm dificuldade com a leitura de textos. Importante pensar também em estratégias de acessibilidade para as pessoas com deficiência;
- **Ênfase na prevenção:** incluir um momento (no início de cada oficina) para conversar sobre a importância e o significado das ações preventivas;
- **Roteiro flexível:** a equipe deve estar preparada para adaptar o roteiro, caso necessário, em situações que se distanciam do planejado;
- **Número reduzido de pessoas participantes:** as atividades propostas consideram a participação de grupos com 20 pessoas (familiares e/ou responsáveis) ou mais. No caso de grupos menores, as pessoas responsáveis pela organização deverão decidir coletivamente quais encaminhamentos serão feitos no sentido de viabilizar a realização das oficinas, como optar pela roda de conversa, mantendo os objetivos centrais das atividades. A participação da equipe de facilitação pode contribuir para que as pessoas componentes do grupo possam se sentir mais acolhidas e à vontade para falar;
- **Dinâmica de trabalho:** independentemente do número de pessoas participantes nas oficinas, recomenda-se que a realização dos energizadores seja mantida, lembrando que se espera que a equipe de facilitação possa participar da atividade.

Promoção:	Escolas que estão implementando a metodologia #Tamojunto, em parceria com equipamentos de saúde do território.
Público de referência:	- Responsáveis e demais pessoas da rede de apoio das(os) adolescentes; - Demais pessoas interessadas da comunidade; - Professoras(es) e funcionárias(os) da instituição de ensino e da unidade de saúde; - Usuárias(os) dos equipamentos de saúde da comunidade.
Pessoas facilitadoras:	- Profissionais que atuam nos serviços de saúde referência das escolas participantes da atenção primária e/ou saúde mental; - Pessoas da gestão escolar; - Professoras(es) que aplicam a Metodologia #Tamojunto.
Objetivos:	- Sensibilizar as pessoas participantes a respeito das particularidades da adolescência; - Discutir sobre a importância do papel da(o) adulta(o) responsável como agente que favorece a prevenção do uso de álcool e outras drogas por adolescentes; - Proporcionar espaço de escuta e troca de experiências a mães, pais, familiares, responsáveis, comunidade, professoras(es) e profissionais da Saúde; - Fomentar a troca de saberes entre saúde e educação, e a construção de um trabalho coletivo e comum.
Formato:	Três encontros, realizados na escola, com duração média de duas horas cada um.

Importante

No Anexo B - pág. 56, é possível encontrar textos de apoio que trazem informações sobre os temas de cada oficina.

LEMBRETES

1º) Durante a reunião de planejamento com a Equipe de Formação e Apoio Local

- Importante realizar a divisão das tarefas previstas no roteiro e possíveis adaptações das atividades propostas;
- Levantamento de materiais necessários para a realização de cada oficina, definindo as instituições e as pessoas da equipe responsáveis por providenciá-los;
- Decisão sobre quem será responsável pela condução de cada atividade (profissionais das diferentes instituições podem se alternar, de modo que

todas as pessoas da equipe possam participar). A equipe pode optar pela condução das atividades por uma dupla de profissionais;

- Combinar como será produzido o convite e quem será responsável pela impressão e divulgação.

2º) Nos dias que antecedem a oficina:

- Envio do convite pelas(os) estudantes ou por vias de comunicação escolhidas na reunião de planejamento;
- O momento mais adequado para fazer a divulgação em cada território deve ser considerado, observando a necessidade de informação prévia, com dia e horário, para as pessoas participantes se possam se planejar. Caso necessário, recorra a lembretes na véspera para ajudar a não esquecer.

3º) No dia da oficina:

- Recomenda-se que as pessoas responsáveis pela facilitação estejam no local da reunião com, pelo menos, 30 minutos de antecedência. Assim, poderão organizar o espaço, dispondo as cadeiras em círculo e organizando os materiais;
- Os *flip-charts*, ou materiais e equipamentos áudio visuais de apoio (se houver), devem ser preparados antes do início da oficina;
- Quanto à recepção, o momento inicial da chegada das pessoas participantes é bastante importante. O acolhimento cuidadoso pelas pessoas facilitadoras pode contribuir para que se sintam mais à vontade e animadas em relação às atividades. Conversas descontraídas certamente contribuem para a criação de uma boa atmosfera de trabalho desde o princípio.

ROTEIRO DA PRIMEIRA OFICINA PARA FAMILIARES E RESPONSÁVEIS

TEMA

**O que é adolescência?
Como é ser adolescente?**

DURAÇÃO 2 HORAS

AGENDA DA PRIMEIRA OFICINA

1. Boas-vindas/acolhimento inicial (5 minutos);
2. Apresentação das pessoas participantes (10 minutos);
3. Energizador (5 minutos);
4. Apresentação da agenda (5 minutos);
5. Apresentação da Metodologia #Tamojunto (10 minutos);
6. Apresentação da proposta da Oficina Para Familiares e Responsáveis (10 minutos);
7. Apresentação do tema: O que é adolescência? Como é uma pessoa na adolescência? (35 minutos);
8. Fatores de risco e proteção (25 minutos);
9. Fechamento (10 minutos);
10. Palavras finais (5 minutos).

PREPARAÇÃO ANTERIOR À REUNIÃO:

- Crachás;
- Frases para crachás;
- Cartaz com agenda da oficina;
- Perguntas do encerramento;
- Papéis para energizadores nome das frutas números pares e ímpares;
- Perguntas sugeridas para a atividade em pequenos grupos em folhas impressas ou em cartazes;
- Papel para a avaliação das oficinas.

MATERIAIS SUGERIDOS:

- *Flip-chart*;
- Canetões;
- Papel para cartazes ou cartolina;
- Barbante e papel para crachá;
- Folhas de papel cor branca;
- Canetas;
- Figuras de revista, tesoura e cola ou papéis com palavras e/ou expressões relacionadas à adolescência;
- Slides de apresentação da Metodologia #Tamojunto;
- Material audiovisual: sugestão de dois vídeos de curta-metragem que deverão ser escolhidos pelo grupo.

Obs.: No AnexoB (pág. 56) deste guia há um texto de apoio que apresenta o tema a ser discutido nesta oficina.

1. BOAS-VINDAS/ACOLHIMENTO INICIAL

A equipe responsável pela facilitação recebe as pessoas participantes, indica o local para se acomodarem e entrega os crachás para que escrevam seus nomes.

Sugestão: anexar no verso dos crachás frases inspiradoras sobre Educação e outros assuntos, de acordo com a escolha da equipe. No Anexo E (pág. 72) deste guia há algumas sugestões de frases.

ATENÇÃO! No caso de haver alguma pessoa participante com dificuldades, ela poderá ser auxiliada durante atividades que envolvam leitura e escrita, sem que perca sua autonomia.

A equipe deve otimizar o acesso ao local do encontro, certificando-se de que o pessoal da portaria e/ou recepção saiba sobre a realização do evento (data, local, horário), colocando cartazes de indicação e posicionando-se à porta principal de acesso.

2. APRESENTAÇÃO DAS PESSOAS PARTICIPANTES

Cada pessoa deve dizer seu nome e sua motivação para participar da oficina, nome da(o) adolescente ou da instituição que representa (no caso de profissionais de Saúde e Educação, e demais representações da comunidade).

Dicas:

- Caso as pessoas participantes incluam dados adicionais, eles serão acolhidos, porém, neste momento não é solicitada nenhuma informação que possa gerar exposição, como por exemplo, profissão, escolaridade e local onde mora;
- Essa é uma boa oportunidade para apresentar os equipamentos de saúde à comunidade. Podem ser dadas informações breves e pertinentes sobre a localização, horário de funcionamento, principais objetivos e forma de acesso;
- A maneira de enriquecer este momento é oferecer espaço para as pessoas participantes que desejarem ler para o grupo a frase que está anexada no verso do seu crachá.

3. ENERGIZADOR

Sugestão: Troca de Lugares (ver descrição no Anexo A, pág. 46).

4. APRESENTAÇÃO DA AGENDA

Sugere-se que seja confeccionado um cartaz chamado **Agenda** para apresentar as informações. Assim, terão informações sobre as atividades e horários previstos para o evento.

Nesse momento, é indicado que sejam estabelecidos alguns combinados com o grupo, conforme o que é realizado na aula 1 do #Tamojunto (consultar o guia do componente escolar).

5. APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA #TAMOJUNTO

O objetivo central desta apresentação é situar familiares e responsáveis em relação às atividades da Metodologia #Tamojunto.

Recomenda-se a utilização de um material visual, podendo ser em *Power Point*, para explicitar os objetivos da metodologia, suas características e conteúdos principais das aulas propostas e resultados esperados a partir da intervenção.

Dica: pode ser bastante interessante que as(os) professoras(es) responsáveis pela aplicação da metodologia relatem como está o trabalho em sala de aula, atentando para o objetivo de nunca expor nenhuma situação específica, mas partilhar o processo do coletivo.

6. APRESENTAÇÃO DAS OFICINAS PARA FAMILIARES E RESPONSÁVEIS

A Equipe de Facilitação pode iniciar esta sessão perguntando às pessoas participantes sobre suas expectativas em relação ao encontro. Como receberam o convite e o que imaginaram? A partir das expectativas é indicado apontar que:

- Esta será a primeira das três oficinas previstas pela Metodologia #Tamojunto;
- O formato do encontro é diferenciado, destacando a proposta de trabalho conjunto entre profissionais de Educação e Saúde e a produção coletiva de saberes dentro das temáticas das oficinas;
- Todas as pessoas podem contribuir com o trabalho com suas habilidades, experiências e conhecimentos;

Os objetivos específicos desta oficina são:

- a. Falar sobre as mudanças características da adolescência e das repercussões dessas transformações no relacionamento com familiares e responsáveis;

- b. Apresentar fatores de risco e de proteção em relação ao uso de álcool, tabaco e outras drogas.

7. ATIVIDADE PRINCIPAL

O QUE É ADOLESCÊNCIA? COMO É SER ADOLESCENTE?

Objetivo

Estimular a discussão a respeito da adolescência como fase do desenvolvimento. A proposta é de que essa conversa possa ocorrer de forma dinâmica, alimentada pela experiência das pessoas no seu cotidiano, estimulando a troca em pequenos grupos e posterior compartilhamento entre todas.

A. Exibição de vídeo

Como estratégia para aquecer as pessoas participantes em relação à temática, sugere-se a exibição de um vídeo. Abaixo, estão disponibilizados os endereços eletrônicos de dois vídeos para que a equipe de facilitação escolha o que avaliar ser o mais adequado. O objetivo é falar sobre as diferentes fases da vida, convidando a uma reflexão sobre a adolescência, uma fase vivenciada por todas(os).

Vídeos sugeridos

- **Opção 1** – *Floating In My Mind*:
<http://www.youtube.com/watch?v=47PKQEhIBeo>
- **Opção 2** – A Adolescência em Um Minuto:
<https://www.youtube.com/watch?v=NxBKuOFLODQ>

Após a exibição do vídeo sobre a adolescência, a equipe de facilitação deve promover um diálogo com as pessoas participantes sobre suas percepções. Para prosseguir com a temática da adolescência apresenta-se alguns pontos para direcionar o diálogo:

- A adolescência e o desafio das transformações físicas, biológicas, emocionais, estruturais, sociais, cognitivas e morais;
- A adolescência como fase de transição (infância – idade adulta) e as adaptações e compreensões necessárias.

Dica: a Equipe de Facilitação deve ficar atenta, mediando a discussão e propondo questionamentos que valorizem as contribuições de cada pessoa e, ao mesmo tempo, possa manter o foco nos objetivos da oficina.

B. Atividade em pequenos grupos

Após a conclusão da atividade introdutória de exibição do vídeo, a equipe convida as pessoas para participarem do energizador, com o objetivo de trabalhar em pequenos grupos.

OPÇÃO 1: DISCUSSÃO MOTIVADA POR PERGUNTAS

Energizador

Sugestão: Salada de Frutas (ver Anexo A, pág. 48).

Atividade

1. Cada grupo terá a tarefa de discutir e responder as questões:

- Quais dificuldades vocês vivenciaram quando adolescentes?
- Quais dificuldades vocês acreditam que as(os) adolescentes vivenciam atualmente?
- Que expectativas têm em relação à adolescência?
- Quais os desafios de educar uma(um) adolescente?

2. De volta ao grande grupo, uma pessoa de cada pequeno grupo, acordado previamente entre os membros, compartilha o que foi conversado, dando início à discussão.

Dica: caso seja necessário manejar melhor o tempo, a pessoa responsável pela facilitação pode distribuir as perguntas, solicitando que cada grupo responda a apenas uma das questões.

OPÇÃO 2: COLAGEM

Atividade

1. Inicialmente, a pessoa que facilita a atividade deve colocar, espalhadas pelo chão, diversas figuras ou palavras e solicitar que cada uma das pessoas participantes observe-as, escolhendo e pegando para si uma que considere ilustrativa sobre a adolescência. As imagens devem ser sobre cenas diversas, não é necessária uma relação direta com o universo do assunto;
2. As pessoas participantes são convidadas a se dividir em pequenos grupos (utilize um energizador como “salada de frutas - Anexo A, pág. 48).
3. Nos pequenos grupos (divididos inicialmente a partir do energizador), as pessoas participantes devem ser orientadas a compartilhar o que escolheram, explicando sua escolha e como ela se associa à temática;
4. Em um segundo momento, o grupo deve eleger entre as figuras ou palavras escolhidas aquela(s) que considera a(s) mais representativa(s) da adolescência;

5. Depois de escolher, cada grupo deverá colá-la(s) em um cartaz e fixá-lo na parede da sala, de modo que fique visível;
6. Os grupos são divididos novamente: a pessoa responsável pela facilitação pede que as pessoas participantes formem fileiras com seus grupos iniciais (uma fileira ao lado da outra) e solicita que a primeira linha formada dê um passo à frente, constituindo um novo grupo, e assim por diante. Cada novo grupo será uma Salada de Frutas, pois irá conter um elemento de cada agrupamento de frutas anteriores;
7. Os grupos percorrem os cartazes expostos e cada pessoa autora de seu respectivo cartaz apresenta aos demais as ideias que seu grupo teve ao escolher imagens ou palavras representativas, expondo sua compreensão sobre essa fase;
8. Ao final, todas as pessoas voltam ao grande círculo e a pessoa responsável pela facilitação conduz uma discussão sobre a atividade.

8. FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO

Atividade: Cabo de Força.

Objetivo: provocar o grupo, buscando identificar fatores que podem ajudar adolescentes a viverem essa fase de forma saudável e fatores que podem aumentar o risco de dificuldades e problemas nessa etapa do desenvolvimento.

Descrição da atividade: antes de dar início à atividade, deve-se explicar, de forma breve, os fatores de risco e de proteção e a influência das(os) responsáveis na prevenção do uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes (a equipe de facilitação poderá consultar no Anexo D (pág.70) as sugestões de bibliografia complementar a este respeito).

A pessoa responsável pela facilitação entrega um papel com um número a cada participante. Em seguida, divide em dois grupos: um formado pelas pessoas de números pares e outro com as pessoas de números ímpares. Cada grupo terá alguns minutos para fazer uma lista de fatores (o grupo par listará fatores de risco e o grupo ímpar listará fatores de proteção).

Os grupos deverão se posicionar um em frente ao outro.

Uma pessoa do grupo deve iniciar o jogo e dizer um fator de risco, explicando por que é considerado de risco. O grupo ímpar deve responder com um fator de proteção que neutralize ou diminua o fator de risco apresentado, justificando sua escolha.

Dica: No caso de proposições de fatores de risco ou proteção que não procedam, é importante estimular o pensamento crítico do grupo para que fiquem evidentes os motivos de propositivas não cabíveis e que possam pensar juntos outros exemplos de fatores.

Os grupos seguirão neste movimento até que a pessoa responsável pela facilitação considere saturada a discussão e peça que todas as pessoas voltem ao grande grupo.

Reflexão sobre a rede de apoio existente na comunidade

Ao final da atividade, propõe-se uma reflexão acerca dos desafios e potencialidades na adolescência nos dias de hoje e como responsáveis e demais pessoas adultas que compõem a sua rede de apoio podem acompanhar o processo. A Equipe de Facilitação pergunta às pessoas participantes sobre a existência de espaços comunitários e quais locais acolhem essas demandas (esporte, cultura/lazer, saúde, educação etc).

9. ENCERRAMENTO

Objetivo: retomar os objetivos da oficina, destacando principais pontos discutidos pelo grupo..

Atividade: solicitar às pessoas participantes que formem duplas com a pessoa ao lado e respondam, de forma breve, às seguintes perguntas:

- Do que gostei?
- O que aprendi (de novo)?
- O que eu gostaria de saber mais a respeito?
- O que poderia melhorar?

Cada dupla receberá um pedaço de papel ou tarjeta para registrar a sua avaliação. Depois, deve colar em uma cartolina ou papel-madeira disposto na parede. Em seguida, a leitura das avaliações poderá ser feita por alguém da equipe de facilitação.

Uma variação desta atividade é solicitar que as pessoas participantes escrevam pequenos textos ou mensagens (que poderão ser afixados na sala ou no mural da escola) sobre a experiência de participar da oficina.

10. PALAVRAS FINAIS

Agradecimento pela participação;
Convite para a próxima oficina.

ROTEIRO DA SEGUNDA OFICINA PARA FAMILIARES E RESPONSÁVEIS

TEMA

Educar adolescente
significa “crescer junto”?

DURAÇÃO 2 HORAS

AGENDA DA SEGUNDA OFICINA

1. Boas-vindas/acolhimento (5 minutos);
2. Apresentação pessoal das(os) participantes (10 minutos);
3. Energizador (10 minutos);
4. Apresentação da agenda (5 minutos);
5. Breve apresentação da Metodologia #Tamojunto (10 minutos);
6. Resumo de como foi a última reunião (10 minutos);
7. Apresentação dos objetivos desta oficina;
8. Atividade Escuta por Um Minuto (10 minutos);
9. Apresentação do tema;
10. Tempestade de ideias e discussão em grupo (20 minutos);
11. Atividade em pequenos grupos (20 minutos);
12. Resumo do que foi discutido no dia (10 minutos);
13. Atividade de encerramento (10 minutos).

PREPARAÇÃO ANTERIOR À REUNIÃO

- Crachás;
- Bolas de papel e fita-crepe para realizar o energizador Jogo de Bola com Malabarismo;
- Papéis com nomes de flores, de acordo com a atividade principal;
- Cartaz com agenda da segunda oficina;
- Cartaz com a frase: Como as(os) responsáveis se sentem quando a sua criança entra na fase da adolescência?;
- Cartaz com as perguntas do encerramento;
- Perguntas impressas para a atividade representação/dramatização (caso seja escolhida pela equipe de facilitação);
- Cópias impressas da crônica Papos de Quinta à Noite, caso seja a atividade em grupos escolhida seja Leitura Dramática desta crônica.

MATERIAIS SUGERIDOS

- Folhas de papel;
- Canetas;
- *Flip-chart* ou cartolina, ou papel pardo para cartazes;
- Canetão para escrever no *flip-chart*;
- Para os crachás, cartolina cortada em retângulos, etiquetas e barbante;
- Papel e fita-crepe ou rolo de barbante;
- Slides de apresentação da Metodologia #Tamojunto.

Obs.: no Anexo B - Texto de apoio para a segunda oficina - Famílias com Filhas(os) Adolescentes (pág. 56 deste guia), há um texto de apoio que apresenta o tema a ser discutido.

1. BOAS-VINDAS

Cada pessoa participante recebe um crachá, onde escreverá o seu nome.

2. APRESENTAÇÃO DAS PESSOAS PARTICIPANTES

Para esta atividade, todas as pessoas participantes deverão estar posicionadas em um grande círculo. A pessoa responsável pela facilitação pode começar se apresentando e, em seguida, passa a vez para quem está ao lado, podendo optar pelo lado direito ou esquerdo. Cada uma diz seu nome e o motivo de sua presença (nome da(o) adolescente ou instituição que representa, no caso de profissionais da saúde e educação).

3. ENERGIZADOR PARA PROMOVER DESCONTRAÇÃO E APROXIMAÇÃO ENTRE AS PESSOAS PARTICIPANTES

Sugestão 1: Jogo de Bola com Malabarismo;
(ver descrição dos energizadores no Anexo A, pág. 50).

4. APRESENTAÇÃO DA AGENDA

Conforme descrita no item Cronograma deste roteiro.

5. APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA #TAMOJUNTO

O objetivo central desta conversa é contextualizar às pessoas participantes sobre as atividades da Metodologia #Tamojunto.

No caso de as pessoas presentes terem, em sua maioria, participado da primeira oficina, sugere-se apresentar os slides de forma breve, enfatizando nos relatos de professoras(es) e gestão escolar o andamento da metodologia em sala de aula. Destaca-se a importância de tornar compreensível o andamento do trabalho e das ações desenvolvidas.

6. RESUMO DE COMO FOI A ÚLTIMA REUNIÃO

Solicitar às pessoas que participaram da primeira reunião que contribuam para o relato. Caso não seja possível, oficina, as pessoas responsáveis pela facilitação poderão fazer um breve relato sobre o encontro anterior.

7. APRESENTAÇÃO DOS OBJETIVOS DA OFICINA PARA FAMILIARES E RESPONSÁVEIS

- Refletir sobre as mudanças que ocorrem nos espaços de relacionamento, provocadas pela fase da adolescência;
- Sensibilizar as pessoas participantes em relação aos desafios de manter o vínculo com a(o) adolescente durante esta etapa do seu desenvolvimento, oferecendo estratégias que fortaleçam esta relação.

8. ATIVIDADE: ESCUTA POR UM MINUTO

Objetivos:

- Oportunizar partilhas pessoais como estratégias de aproximação, compreensão empática e reconhecimento;
- Sensibilizar pessoas adultas para as questões da adolescência a partir do resgate de memórias afetivas;
- Exercitar e refletir sobre a habilidade de escutar.

Espaço e material:

- Sala ampla que possibilite movimentação das pessoas participantes;
- Instrumento sonoro (sino, pandeiro, chocalho ou outro).

Descrição:

1. Solicite que as(os) participantes circulem pela sala e, quando a pessoa que conduz a atividade der um sinal, façam uma dupla (de preferência com alguma pessoa que não conheçam);
2. Com as duplas organizadas, dê o primeiro comando:

Comando: um minuto para falar sobre si. Inicia falando a pessoa que... (tiver cabelo mais curto, que acorda mais cedo, que mora mais longe, que fez aniversário por último).

3. Passado um minuto, ao som do sino, pandeiro ou similar, peça para inverterem os papéis: quem falava passa a ser ouvinte e vice-versa;
4. Passado um minuto, faça nova intervenção sonora, as duplas se despedem e todos voltam a circular pela sala;
5. Realize a intervenção sonora depois de alguns instantes, de modo a indicar o momento de formação de novas duplas;

6. Com as novas duplas organizadas, dê o segundo comando:

Comando: um minuto para onde estudaram entre 11 e 14 anos. Inicia falando a pessoa que... (novamente se estipula uma característica para definir quem começa falando, por exemplo, começa quem foi dormir mais tarde na noite anterior).

Caso não tenha estudado, a pessoa poderá contar o que fazia quando tinha essa faixa etária.

7. Passado um minuto, após o comando sonoro, invertem-se os papéis: quem falava passa a ser ouvinte e vice-versa;
8. Passado um minuto, faça nova intervenção sonora, sugerindo que as duplas se despeçam e todas(os) voltem a circular pela sala;
9. Indique o momento de formação de novas duplas fazendo uma intervenção sonora depois de alguns instantes. Indique que esta será a última rodada;
10. Com as duplas organizadas, dê o terceiro comando:

Comando: um minuto para falar sobre, quais as suas músicas favoritas e as formas de diversão entre 13 e 14 anos.

Inicia falando a pessoa que... (indique uma característica para definir quem começa a falar, por exemplo, quem mora mais perto).

11. Passado um minuto, dê o sinal e solicite que invertam os papéis: quem falava passa a ser ouvinte e vice-versa;
12. Passado um minuto, dê o último sinal e encerre a conversa entre as duplas;
13. Solicite às pessoas que retomem seus lugares na grande roda para darem início ao momento de reflexão.

ATENÇÃO!

Observe que o grau de exposição vai se intensificando ao longo da atividade. No primeiro comando, para falar sobre si, a pessoa escolhe o que deseja falar, podendo ser mais ou menos superficial. No segundo comando já será compartilhado um detalhe sobre sua história e, no terceiro, relacionada à sua experiência individual.

Após as rodadas em que as duplas conversaram, a pessoa responsável pela facilitação solicita que se posicionem na grande roda, estimulando algumas pessoas voluntárias a relatarem como foi sua experiência com a atividade.

A partir dos comentários espontâneos, procura-se promover uma reflexão, direcionando-a para os seguintes desdobramentos:

- a. Resgatar memórias pessoais é forma de se aproximar da adolescência nos tempos atuais, observando semelhanças entre as experiências pessoais (que pessoas adultas tiveram na sua fase da adolescência) e as situações vivenciadas pelas(os) adolescentes de hoje;

- b. O cuidado com a escuta pode ser fundamental na aproximação com a(o) adolescente. Para se comunicar, ela(e), às vezes, utiliza falas curtas, às vezes, truncadas por monossílabos ou gírias, assume posturas desafiadoras, desdenhosas e/ou agressivas, faz gestos, olhares e tantas outras formas de expressão. Pode ser necessário procurar entender melhor o significado de suas mensagens numa postura compreensiva, buscando oferecer um espaço para que possa sentir-se segura(o) para falar e ser ouvida(o), tentar entender o que ela(e) diz e utilizar uma linguagem que ela(e) entenda e aceite com mais facilidade.

9. TEMPESTADE DE IDEIAS

Provocar uma tempestade de ideias a partir da seguinte questão:

Quais diferenças vocês sentem entre conviver com uma criança e conviver com adolescentes?

Objetivos: refletir sobre como as mudanças de fases do desenvolvimento e as diferenças interferem no convívio cotidiano.

Atividade: a pergunta “Vocês percebem diferenças entre conviver” “Quais diferenças vocês sentem entre conviver com uma criança e conviver com adolescentes?” deve estar escrita em um *flip-chart* ou cartaz. A pessoa responsável pela facilitação pede que as pessoas participantes digam brevemente o que pensaram sobre a frase, anotando as respostas de maneira resumida. Após anotar todas as respostas, elas podem ser lidas em voz alta. A pessoa responsável pela facilitação pergunta se alguém tem mais alguma contribuição a fazer, sejam acréscimos, discordâncias, dúvidas ou observações, promovendo assim uma discussão sobre a temática.

Com a Tempestade de ideias, o grupo poderá discutir uma série de temas/tópicos ampliando o entendimento das pessoas participantes e fazendo circular a palavra no grupo, favorecendo a troca de experiências a respeito da relação e convivência com essa fase da adolescência.

Tempestade de ideias é uma técnica que estimula as pessoas participantes a exporem suas opiniões a respeito de um tema e, a partir das colocações do grupo, a pessoa responsável pela facilitação da atividade desenvolve um tópico, valorizando e organizando as contribuições grupais.

Dicas:

- As seguintes perguntas podem auxiliar na discussão: As pessoas adultas percebem as mudanças que ocorrem durante o desenvolvimento da(o) adolescente? Que tipo de mudanças percebem? Como podem percebê-las?

Como pessoas adultas, enquanto responsáveis, lidam com as mudanças apresentadas pela(o) adolescente?

- Adolescência e as relações interpessoais: adaptações, conflitos e potências;
- Adolescência e o processo de independência e autonomia: consequências e responsabilidades;
- Limites e acordos na adolescência.

10. ATIVIDADE EM PEQUENOS GRUPOS

OPÇÃO 1: LEITURA DRAMÁTICA DA CRÔNICA PAPOS DE QUINTA À NOITE,

de Cauê Laratta Vasconcelos (texto no Anexo C, pág. 66).

1. Após distribuir uma cópia da crônica para cada participante, a pessoa facilitadora (ou voluntária) realiza a leitura da primeira parte. Interromper a primeira parte na fala da mãe: — “Ainda assim, não sei se deixo...” (parágrafo 25).
2. Peça para que as pessoas participantes não leiam além dessa parte para que possam realizar a próxima etapa da atividade;
3. Dividir a turma em pequenos grupos. Sugestão de energizador para a divisão em grupos: Aperto de Mãos (ver descrição no Anexo A, pág. 51);
4. Os pequenos grupos devem discutir desfechos possíveis para essa história.
5. Se estiverem à vontade, as pessoas participantes poderão preparar uma encenação com os finais construídos e apresentá-la ao grande grupo;
6. De volta ao grande círculo, a proposta é de leitura do desfecho idealizado pelo autor da crônica e discussão a partir do que surgiu nos pequenos grupos.

Sugestões de questões norteadoras para essa discussão:

- Histórias deste tipo acontecem?
- Quais ações seriam possíveis nesta situação?

Dica: a leitura da crônica pode ser feita coletivamente pelo grupo de pessoas facilitadoras ou voluntárias. Pode haver uma pessoa narradora e outras pessoas participantes que digam as falas das(os) personagens.

OPÇÃO 2: REPRESENTAÇÃO/DRAMATIZAÇÃO DE SITUAÇÕES DE CONFLITO ENTRE ADOLESCENTES E PESSOAS ADULTAS

Energizador

Buquê de Flores (ver descrição no Anexo A, pág. 51 e 52, para dividir as pessoas participantes em dois grandes grupos).

Atividade:

Grupo 1

Será responsável por representar a seguinte cena: adolescente está planejando um churrasco em sua casa, no domingo. Ela(e) já pensou no número de convidadas(os), se terá ou não bebida alcoólica, o que irá servir e demais preparativos. As pessoas responsáveis por ela(e) escutam sua proposta, tentam respeitar sua opinião e, ao mesmo tempo, estabelecer acordos e limites que julguem convenientes.

Oriente a pessoa que encenará o papel da/o adolescente a escolher os detalhes relativos à organização do churrasco, tais como convidadas(os), bebidas, comidas e o que mais achar necessário.

Grupo 2

Será responsável por representar a seguinte cena: responsáveis e adolescente estão conversando. As pessoas adultas expressam suas reservas em relação às amizades da(o) adolescente, mas tentam não insultar e não se opor, radicalmente, às suas escolhas. As(os) amigas(os) são mais velhas(os) e as(os) responsáveis acreditam que elas(es) estão usando drogas.

Mães, pais, familiares, responsáveis, adolescentes e quaisquer outras(os) personagens que o grupo julgue interessante acrescentar à cena.

Oriente as pessoas que encenarão as/os responsáveis a pensarem no que seria adequado dizer para a(o) adolescente, como colocariam suas impressões e quais limites consideram importantes

Instruções

1. Convide pessoas, de modo voluntário, para cada um dos papéis descritos acima (se houver menos voluntárias(os) do que personagens, é possível que a equipe de facilitação participe da encenação);
2. Se a pessoa participante quiser, pode pedir ajuda para alguém da plateia (as demais, que não estarão atuando ativamente na encenação) para pensar nesses detalhes;
3. Dê alguns minutos para a organização da etapa anterior e, em seguida, inicie a encenação.

Após as dramatizações, a pessoa responsável pela facilitação conduz uma discussão no grande grupo, a partir das seguintes perguntas:

- Como foi para você encenar o papel da(o) adolescente?
- Como foi para você encenar o papel de mães/pais/responsáveis?
- Com base nas encenações, como vocês acham que a(o) adolescente se sente em situações semelhantes?
- Como as(os) responsáveis se sentem?
- Quais os possíveis desfechos dessas discussões para a convivência respeitosa entre responsáveis e adolescentes?
- Quais conselhos vocês dariam às pessoas responsáveis pelas(os) adolescentes?

Dicas:

- Para auxiliar nas encenações, a pessoa responsável pela facilitação pode ajudar o grupo a definir quem interpretará cada papel caso isso não ocorra de forma orgânica pelo grupo;
- Esta é uma proposta de atividade que demanda certa exposição; avaliar se está de acordo com o perfil do grupo.

11. RESUMO DO QUE FOI DISCUTIDO NO DIA

- Enfatizar que a presença de conflitos não é sinônimo de problema;
- Dialogar sobre as possíveis situações onde o vínculo entre responsáveis e adolescentes possa ser fortalecido;
- Ressaltar o vínculo com as(os) pessoas responsáveis e pessoas de referência como um fator de proteção para a(o) adolescente.

12. ATIVIDADE DE ENCERRAMENTO

Finalizar a atividade dialogando em roda sobre:

- O que foi bom no encontro de hoje?
- O que poderia melhorar?
- Uma palavra que descreva o sentimento do momento.

[illegible]

ROTEIRO DA TERCEIRA OFICINA PARA FAMILIARES E RESPONSÁVEIS

TEMA

Um bom relacionamento
com minha filha(o) também
significa “estabelecer regras
e limites”

DURAÇÃO 2 HORAS

AGENDA DA TERCEIRA OFICINA

1. Boas-vindas (5 minutos);
2. Apresentação da agenda (5 minutos);
3. Apresentação das pessoas (10 minutos);
4. Energizador (10 minutos);
5. Breve apresentação da Metodologia #Tamojunto e das Oficinas Para Familiares e Responsáveis (20 minutos);
6. Atividade Junte-se ao grupo com semelhantes (10 minutos);
7. Apresentação dos temas a serem trabalhados (15 minutos);
8. Energizador (5 minutos);
9. Atividade em grupos (20 minutos);
10. Discussão na grande roda (15 minutos);
11. Encerramento (5 minutos).

PREPARAÇÃO ANTERIOR À REUNIÃO

- Cartaz com a agenda do dia;
- Cartaz com o desenho da cruz com os eixos Autoritarismo/Permissividade e Superproteção/ Distanciamento (conforme modelo destacado na atividade);
- Cartaz com os itens para a discussão na grande roda;
- Cartaz com perguntas para o encerramento;
- Papéis com nomes de instrumentos musicais;
- Cartões de SIM e NÃO (cartolina ou tarjetas);
- Cartaz com situações para a encenação, caso a atividade escolhida seja “exercitando a argumentação”;
- Cartolinas com quadros a serem preenchidos, caso a atividade escolhida seja “situações negociáveis” e “situações não negociáveis”.

MATERIAIS SUGERIDOS:

- *Flip-chart*;
- Canetas hidrográficas ou pincel atômico para escrever no flip-chart;
- Canetas esferográficas;
- Pequenos pedaços de papel em branco para o encerramento;
- Cartolinas, papel pardo ou outro para cartazes;
- Canetinha;
- Tarjetas.

Obs.: no Anexo B, texto de apoio para a terceira oficina - Estratégias mais comuns utilizadas pelas(os) responsáveis em suas relações com as(os) filhas(os) e

seus possíveis efeitos sobre o comportamento da(o) adolescente (pág. 62 deste guia), há um texto de apoio que apresenta o tema a ser discutido nesta oficina.

1. BOAS-VINDAS

Como nas oficinas anteriores, as pessoas participantes devem ser recebidas pela equipe de facilitação, acolhendo-as e propondo que escrevam o nome como gostam de ser chamadas no crachá. No caso de pessoas com dificuldade de escrita ou leitura, sugere-se que a equipe de facilitação ou alguma pessoa voluntária preencha os crachás.

2. APRESENTAÇÃO DAS PESSOAS PARTICIPANTES

Cada pessoa participante fala seu nome e por que está na oficina, indicando as(os) adolescentes às(aos) quais se referem e seu ano/série. Profissionais indicam a instituição a que pertencem e qual sua função na metodologia.

Opção: além do nome, as pessoas participantes podem ser convidadas a dizer algo de que gostam e/ou acham mais fácil na convivência com as(os) adolescentes e, também, o que acham mais difícil. As que não convivem com adolescentes podem dizer o que imaginam ser mais fácil e mais difícil neste papel.

3. APRESENTAÇÃO DA AGENDA DO DIA

Com um cartaz, uma das pessoas responsáveis pela facilitação apresenta a proposta de trabalho para esse dia, conforme descrito no cartaz. Assim como na primeira e segunda oficinas, indica-se que o grupo estabeleça combinados (veja Aula 1 do #Tamojunto) após a apresentação da agenda.

4. ENERGIZADOR PARA MOTIVAR O GRUPO

Maré Alta/Maré Baixa (ver descrição no Anexo A, pág. 53).

5. BREVE APRESENTAÇÃO DA METODOLOGIA #TAMOJUNTO E DAS OFICINAS PARA FAMILIARES E RESPONSÁVEIS

Apresentar a metodologia, seus objetivos e sua estrutura.

Assim como na oficina anterior, solicita-se que as(os) professoras(es) responsáveis por aplicar a metodologia façam um breve relato sobre o processo em sala de aula, buscando preservar detalhes para evitar a exposição das(os) estu-

dantes especificamente. É importante atualizar o grupo sobre a realização das duas oficinas anteriores, resgatando os principais temas abordados. Responsáveis que participaram dos encontros anteriores também poderão ser estimuladas(os) a fazer um breve relato da experiência vivida.

Objetivos da III Oficina Para Familiares e Responsáveis:

- Refletir sobre os diferentes modos de exercer os papéis de mãe/pai e/ou responsável;
- Incentivar as pessoas adultas a serem firmes e assertivas no estabelecimento de regras e limites;
- Ajudar as pessoas responsáveis a estabelecerem regras e aprimorarem suas habilidades de negociação e comunicação.

6. ATIVIDADE: JUNTE-SE AO GRUPO COM SEMELHANTES

Objetivos:

- Promover reflexão sobre a escuta;
- Promover aproximação com o universo da adolescência;
- Movimentar e descontrair o grupo;
- Permitir que participantes conheçam um pouco a respeito das particularidades de cada uma(um), facilitando um sentimento de proximidade.

Descrição: solicitar que participantes juntem-se em grupos, a partir de comando verbalizado:

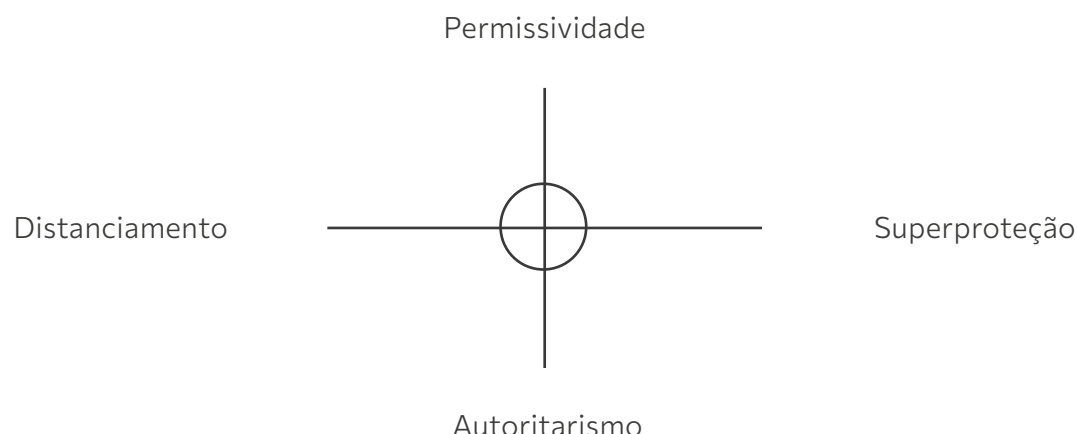
- Quem são os ídolos de sua(seu) filha(o);
- Quem era o seu ídolo na adolescência;
- O que sua(seu) filha(o) gosta de fazer para se divertir;
- O que gostava de fazer na idade de sua(seu) filha(o);
- O que você faz com sua(seu) filha(o).

A partir dos comentários espontâneos, procura-se promover uma reflexão, direcionando-a para os seguintes desdobramentos:

- A importância de resgatar memórias como forma de se aproximar das(os) adolescentes contemporâneos, observando semelhanças entre as experiências pessoais (que as pessoas adultas tiveram na própria adolescência) e situações vivenciadas pelas(os) adolescentes nos dias de hoje.

7. APRESENTAÇÃO DOS TEMAS A SEREM DISCUTIDOS

A equipe de facilitação conduzirá uma exposição dos seguintes eixos:



Os estilos de parentalidade e disciplina que as pessoas responsáveis usam para lidar com a busca das(os) adolescentes pela sua independência e os conflitos despertados por esses estilos têm impacto imediato sobre o comportamento e suas escolhas.

A partir da apresentação dos eixos Autoritarismo-Permissividade e Superproteção-Distanciamento, sugere-se que a discussão seja encaminhada na direção das situações de negociação com as(os) adolescentes (algumas situações são negociáveis e possibilitam o estabelecimento de regras; outras, não são negociáveis e exigem que limites sejam estabelecidos).

Pela discussão da possibilidade de atingir o equilíbrio entre esses extremos, pretende-se frisar a importância de uma postura de escuta e abertura, frente às/ aos adolescentes, mas, também, de firmeza.

POSSÍVEIS PONTOS DE APOIO PARA A DISCUSSÃO

Estilos de parentalidade

- O relacionamento entre responsáveis e a(o) adolescente muda durante esse período de vida;
- Apesar do possível distanciamento da(o) adolescente em relação às(aos) responsáveis, as pessoas adultas de referência ainda podem exercer grande influência sobre o seu desenvolvimento;
- As pessoas adultas não precisam, necessariamente, reproduzir sua experiência pessoal e educar da mesma forma com a qual foram educadas(os), podendo superar aspectos que consideram inadequados na própria vivência. Os valores e as ideias das pessoas responsáveis podem reproduzir os valores da sociedade em que vivem e trazer questionamentos de forma crítica;
- É importante que as pessoas responsáveis estejam atentas(os) às mudanças que ocorrem na sociedade, buscando se atualizar e entender o que se passa;
- Extrema repressão ou permissividade absoluta são estilos de disciplina que não reforçam o comportamento responsável e independente da criança e da(o) adolescente. Pelo contrário, tendem a produzir sujeitos inseguros e vulneráveis.

Papel da pessoa responsável

- Estar atenta, apoiando as(os) adolescentes quando erram, elogiando-as(os) quando conseguem sucesso;
- Dar a oportunidade de assumir a responsabilidade pelo próprio comportamento e experimentar as consequências (positivas ou negativas) de suas escolhas;
- Entender que as situações nas quais a(o) adolescente comete erros podem representar oportunidades para vivenciar o fracasso e aprender a lidar com a frustração, sem precisar, necessariamente, interferir nelas;
- Pessoas adultas superprotetoras restringem a capacidade da(o) adolescente em gerenciar dificuldades e lidar com situações da vida. O controle excessivo pode despertar o desejo de combater demasiadamente as regras (maior influência do ambiente externo ao seu grupo de referência);
- Pessoas adultas permissivas: a(o) adolescente não se torna capaz de ajustar seu comportamento às restrições e regras externas, com dificuldade em esperar pela realização dos seus desejos e/ou vivenciar frustrações;
- Pessoas adultas firmes: quando a situação exigir, as pessoas responsáveis podem assumir sua autoridade, ajustando-a de forma flexível e adequada à situação;
- Discutir e compartilhar algumas decisões com as(os) adolescentes pode fazer com que fiquem mais motivadas(os) a tomar iniciativas, com um sentimento de independência, liberdade, autoestima e apropriação do processo vivido;
- Falas como “você tem que fazer isso porque eu estou falando!” e “você é muito imatura(o) para saber o que é melhor para você!” poderiam ser substituídas por “conte-me sobre suas experiências e diga por que você acha que eu estou errada(o)”.

Algumas questões importantes para estabelecer acordos

- Envolver a(o) adolescente no estabelecimento das regras e nas suas consequências para que compreenda e se responsabilize;
- Diferencie acordos inegociáveis dos que podem ser reavaliados;
- Estabeleça, junto com a(o) adolescente, zonas de independência para ela(e) (roupas, quarto, sala);
- Seja objetiva(o) e firme ao lembrar os acordos negociados;
- Esteja ciente de suas próprias atitudes, limites e expectativas;
- Suas ações devem ser coerentes com os acordos estabelecidos.

Diretrizes gerais para a negociação

- A negociação das regras entre responsáveis e adolescentes gera maior segurança, cooperação e responsabilidade;
- Os acordos são responsabilidade de todas as pessoas, não só das adultas;
- Devem-se respeitar as necessidades de todas as pessoas envolvidas no estabelecimento das regras;
- Caso a(o) adolescente se recuse a negociar o cumprimento das regras ou o seu estabelecimento, as pessoas responsáveis devem impor limites, deixando nítido o que permitem ou não, o que consideram certo ou errado,

sendo objetivas quanto a seus pontos de vista e às possíveis consequências, caso a(o) adolescente não os respeitem;

- Como responsável, a pessoa adulta tem o direito e dever de dizer não.

8. ENERGIZADOR (PARA DIVISÃO EM GRUPOS)

A Banda (ver descrição no Anexo A, pág. 58).

Observação: se a pessoa responsável pela facilitação escolher a opção 1 da atividade seguinte, ela deve dividir as pessoas participantes em apenas dois grandes grupos. Se escolher a opção 2, divida-as em alguns grupos pequenos.

9. ATIVIDADE EM GRUPOS

OPÇÃO 1: EXERCITANDO A ARGUMENTAÇÃO

Objetivos: exercitar estratégias de argumentação com as(os) adolescentes e possibilitar a reflexão, a partir da troca de papéis, uma vez que algumas das pessoas participantes atuarão como adolescentes.

Atividade:

1. As pessoas participantes devem ser divididas em dois grupos, sendo que um dos grupos representará as(os) responsáveis e o outro representará as(os) adolescentes;
2. A pessoa responsável pela facilitação apresenta a primeira situação a ser representada pelos grupos:

SITUAÇÃO 1

A(o) adolescente quer ir a uma festa que começa às 22 horas.

3. Realiza-se o sorteio dos cartões SIM ou NÃO para o grupo das pessoas responsáveis (sua argumentação caminhará de acordo com o desfecho indicado no cartão);
4. O grupo elege uma pessoa representante para fazer a encenação (a representante do grupo das pessoas responsáveis negociará com a representante do grupo das(os) adolescentes). Enquanto isso, o restante do grupo auxilia sua(seu) representante (durante a dramatização), dando-lhe sugestões para a argumentação;
5. As pessoas participantes avaliam a cena e discutem a respeito;
6. A pessoa responsável pela facilitação apresenta a segunda situação, repetindo as etapas 3, 4 e 5. E, depois, passa à situação 3 repetindo as mesmas etapas.

SITUAÇÃO 2

Uma adolescente quer dormir na casa de uma pessoa amiga.

SITUAÇÃO 3

Você descobriu que a(o) adolescente pelo qual é responsável colocou fotos inapropriadas na internet e decidiu conversar com ela(e) sobre isso.

7. **Fechamento:** a pessoa responsável pela facilitação deverá propor uma discussão final para o fechamento da atividade.

Algumas reflexões possíveis

- Oferecer “não” como resposta tem suas consequências. Por essa razão, às vezes, é difícil dizê-lo e suportar a reação das(os) adolescentes (braveza, “cara feia”, maltrato). Contudo, é importante saber que essas consequências duram certo tempo, mas não são eternas;
- Como colocar limites sem romper a relação de proximidade e confiança?
- Quando se diz sempre não ou sempre sim não se dá, às(aos) adolescentes, a possibilidade de construir argumentos e refletir sobre as situações;
- No exercício da negociação e da argumentação, a(o) adolescente poderá avaliar as situações, se avaliar e fazer escolhas a partir disso, construir, gradualmente, a sua autonomia;
- Quando se diz sempre não, as(os) adolescentes não se sentem ouvidas(os) e percebidas(os), e podem desistir de conversar com as pessoas adultas e contar com elas como referência.

OPÇÃO 2: SITUAÇÕES NEGOCIÁVEIS E NÃO NEGOCIÁVEIS

Objetivo: auxiliar responsáveis no estabelecimento de regras e limites.

Atividade:

- Em pequenos grupos, as pessoas participantes irão elencar duas ou três situações cotidianas que envolvam suas(seus) filhas(os), que causem ou possam causar disputas em casa;
- Devem separar as situações negociáveis das não negociáveis, definir limites (para as não negociáveis) e regras aceitáveis (para as negociáveis);
- Os grupos recebem uma cartolina, conforme o modelo abaixo, na qual vão preencher os espaços; cada grupo apresenta seu cartaz (no grande grupo), seguindo-se uma discussão sobre o assunto.

Situações Negociáveis	Situações Não negociáveis
Regras	Limites

10. DISCUSSÃO NA GRANDE RODA

Ambas as atividades culminam com uma discussão final, durante a qual as pessoas responsáveis pela facilitação deverão promover uma reflexão sobre os seguintes itens:

- Compreensão de que as regras são importantes para o bem-estar de todas as pessoas;
- Que adolescentes e pessoas adultas tenham nitidez das consequências de seus atos, e que eles têm efeitos;
- Importância da possibilidade de negociar regras de forma objetiva, respeitando os diferentes pontos de vista e assumindo as consequências das escolhas realizadas.

Dica: para facilitar a discussão, esses itens podem ser escritos no flip-chart ou em um cartaz.

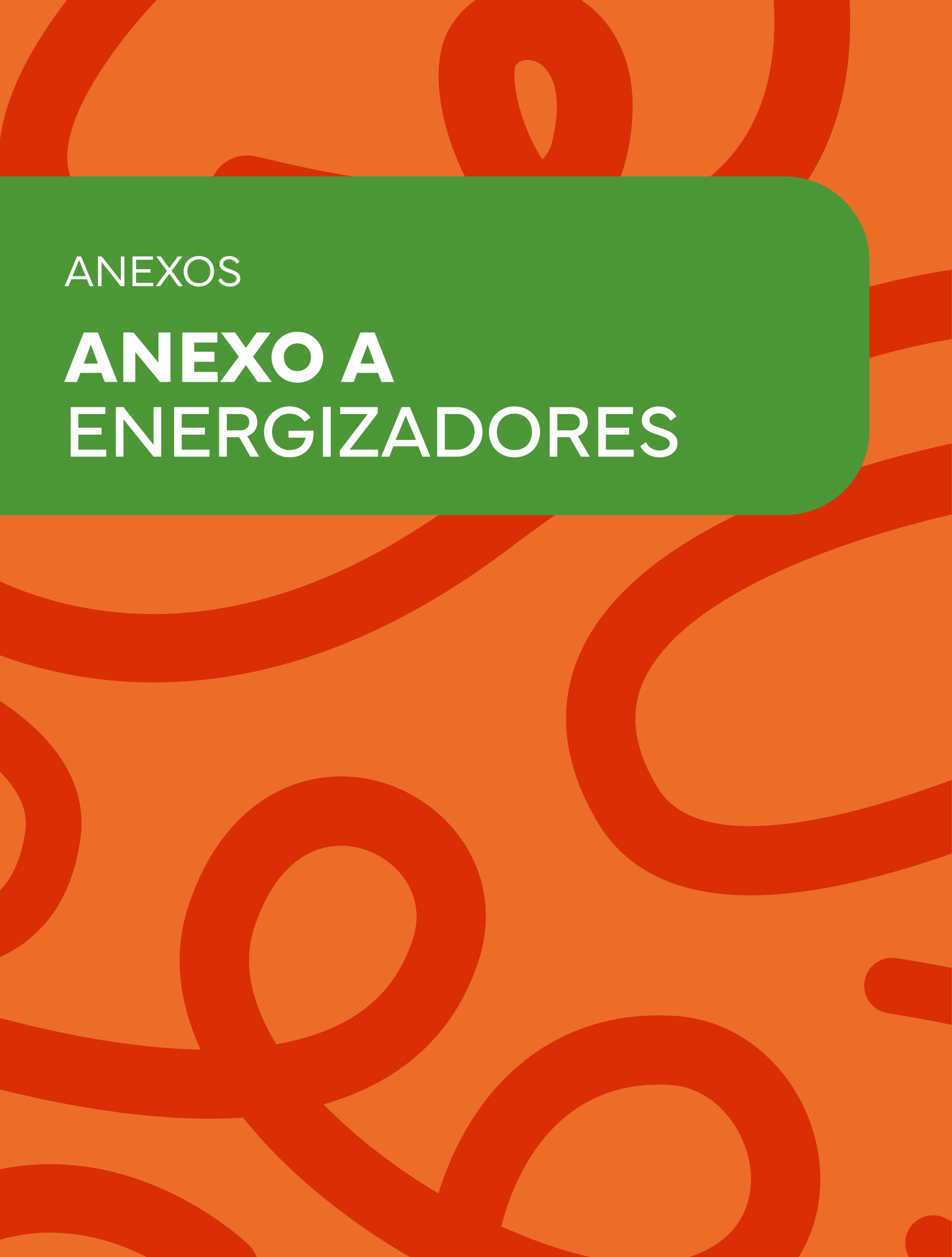
11. ENCERRAMENTO

As pessoas participantes receberão pequenos papéis onde responderão às seguintes perguntas:

- O que gostei neste encontro?
- Uma coisa que aprendi foi:
- Algo inesperado:
- Com qual sentimento saio daqui?

Dica: as pessoas responsáveis pela facilitação deverão estar atentas à possibilidade de existir, entre as pessoas participantes, dificuldades com a escrita. Neste caso, poderão optar por auxiliar no registro ou realizar a atividade verbalmente.

[illegible]



ANEXOS

ANEXO A

ENERGIZADORES

Sobre atividades lúdicas e a construção de sentimento comunitário

Os energizadores são atividades lúdicas previstas na Metodologia #Tamojunto a fim de ajudar ou estimular a cooperação ou interações mais dinâmicas entre as pessoas que participam das aulas e oficinas de familiares e responsáveis. Têm o intuito de tornar o ambiente propício à construção de sentimento comunitário – processo de criação de um ambiente seguro, em que a(o) participante possa se desenvolver e aprender. O uso dos energizadores auxilia nesse processo, uma vez que têm por objetivo dar as(aos) participantes a oportunidade de:

- Experienciar técnicas criativas para iniciar e consolidar o processo de construção do sentimento comunitário;
- Reduzir o sentimento de isolamento;
- Proporcionar mais possibilidades de se abrir, se colocar no grupo e, com isso, correr mais riscos, mas de forma protegida e cuidada;
- Proporcionar novas possibilidades de interação entre as pessoas participantes;
- Desenvolver o sentimento de pertencimento e coesão com os outros membros do grupo.

1. Troca de Lugares

Objetivo: movimentar e descontrair o grupo.

Permitir que as pessoas participantes conheçam um pouco a respeito das particularidades de cada uma, facilitando a proximidade entre todas.

Descrição: pedir às(aos) participantes que fiquem em pé e solicitar que troquem de lugar no círculo aquelas(es) que:

- Tomaram um copo de café pela manhã;
- Estão usando blusa branca;
- Gostam de futebol;
- Acordaram antes das sete horas da manhã;
- Foram dormir ontem depois das onze horas da noite.

Além das sugestões acima descritas, a pessoa que facilita pode incluir os critérios que quiser para a troca de lugares, tendo o cuidado de não fazer perguntas que exponham em demasia. Por exemplo, pode-se perguntar a respeito de preferências musicais (trocam de lugares as(os) que gostam de samba) ou de times de futebol (trocam de lugares aquelas(es) que torcem para um determinado time) e assim por diante, até que a pessoa que facilita considere que a atividade tenha cumprido seu propósito.

Dica: para envolver ainda mais as pessoas participantes na atividade o responsável pela facilitação pode pedir sugestões de critérios para o grupo ou mesmo encontrar uma(um) voluntária(o) que queira dar os critérios. Mas apenas depois de ter feito o procedimento algumas vezes e assegurado que o grupo compreendeu a atividade.

Salada de Frutas

Objetivo: dinamizar o grupo e/ou dividir as pessoas participantes em sub-grupos de uma forma lúdica, interativa e aleatória.

Descrição da atividade:

1. A pessoa que facilita distribui em pequenos pedaços de papel com o nome de quatro ou cinco frutas diferentes para os(as) participantes.
2. Todas(os) as(os) participantes posicionam-se nas cadeiras em formato de círculo, sendo que uma pessoa fica no centro.
3. A pessoa que facilita grita o nome de uma das frutas (por exemplo, laranja) e todas/os as/os participantes que foram designadas/os como grupo laranja devem trocar de lugar. A pessoa que está no centro do círculo tenta pegar um dos lugares, deixando outra pessoa sem cadeira, que por sua vez passará a ocupar o lugar do centro.
4. A pessoa que facilita espera até que todas(os) tenham mudado de lugar e, então, chama pela próxima fruta, para que ocorra a mesma dinâmica novamente. Ela deve chamar pelos nomes das frutas de forma aleatória, aumentando gradativamente a velocidade com que chama. Ao final, deve dizer SALADA DE FRUTAS para que todos mudem de lugar.
5. Após este momento, a pessoa que facilita pede que as(os) participantes se agrupem de acordo com as frutas. Haverá, por exemplo, o grupo das laranjas, o grupo dos abacaxis, o grupo das melancias etc.

Salada de frutas (opção simples)

Material: tiras de papel com nomes de frutas.

Este energizador pode ser usado somente para divisão de grupos, sem a brincadeira descrita acima. Para tanto, a pessoa que facilita escreve nomes de frutas em pequenos papéis que serão distribuídos aleatoriamente entre as(os) participantes, solicitando que se agrupem aquelas(es) que tiraram as frutas iguais. É possível, também, dividir novamente estes grupos em saladas de frutas, ou seja, formar novos grupos com uma fruta de cada tipo.

Para fazer esta redistribuição, a pessoa responsável pela facilitação pede que os grupos de frutas formem colunas, uma ao lado da outra – haverá uma coluna de melancias, outra de laranjas e assim por diante. As(Os) primeiras(os) de cada coluna farão um movimento para a frente, constituindo assim um novo grupo, com uma(um) representante de cada coluna. E, então, os segundos de cada coluna se tornam os primeiros, também farão um movimento para a frente e constituindo um grupo. E assim por diante, até formarem todos os novos grupos.

Esta maneira de dividir é útil para quando é necessário que nos novos grupos haja um representante de cada grupo anterior. Por exemplo, em uma atividade em que os pequenos grupos elaboram uma reflexão ou um produto que deve ser compartilhado por todos num segundo momento. Assim, representantes de cada atividade estarão no novo grupo, explicando o trabalho realizado para os demais.

MATERIAL DE REFERÊNCIA - SALADA DE FRUTAS

MAÇÃ	LARANJA	MARACUJÁ	ABACAXI	MANGA
MAÇÃ	LARANJA	MARACUJÁ	ABACAXI	MANGA
MAÇÃ	LARANJA	MARACUJÁ	ABACAXI	MANGA
MAÇÃ	LARANJA	MARACUJÁ	ABACAXI	MANGA
MAÇÃ	LARANJA	MARACUJÁ	ABACAXI	MANGA
MAÇÃ	LARANJA	MARACUJÁ	ABACAXI	MANGA
MAÇÃ	LARANJA	MARACUJÁ	ABACAXI	MANGA
MAÇÃ	LARANJA	MARACUJÁ	ABACAXI	MANGA
MAÇÃ	LARANJA	MARACUJÁ	ABACAXI	MANGA
MAÇÃ	LARANJA	MARACUJÁ	ABACAXI	MANGA
MAÇÃ	LARANJA	MARACUJÁ	ABACAXI	MANGA

Jogo de Bola com Malabarismo

Objetivos: descontrair o grupo e favorecer a memorização dos nomes das pessoas participantes.

Material: bolas feitas com papel amassado e fita-crepe (cerca de cinco bolas para um grupo de 25 pessoas).

Descrição da atividade:

1. A pessoa que facilita solicita as pessoas participantes que fiquem de pé em um círculo fechado (caso o grupo seja muito numeroso, é possível trabalhar com dois círculos concêntricos, sendo que as pessoas do grupo de fora inicialmente farão o papel de observadores - numa segunda rodada, os observadores passam para o círculo do meio e participam do jogo) e explica as regras do jogo:

- Ela joga uma pequena bola para outra pessoa do círculo, após dizer seu nome de forma nítida e audível.
- A pessoa que recebeu a bola deve jogá-la, por sua vez, para outra do círculo, sempre olhando antes para essa pessoa e dizendo seu nome em alto e bom som. Após jogar a bola, a pessoa deve erguer a mão e assim sinaliza que já recebeu a bola (cada participante recebe a bola uma vez).
- As pessoas participantes vão jogando a bola umas para as outras até que todas tenham recebido a bola. Ao final, a bola deve voltar para as mãos da pessoa que facilita. Peça que todos memorizem a pessoa para a qual jogaram a bola.
- Quem facilita recomeça o jogo, jogando para a mesma pessoa que jogou pela primeira vez, ela faz o mesmo e assim por diante. A bola deve ser jogada na mesma ordem que a rodada anterior.
- Após fazer a segunda rodada, assegurando-se de que a ordem foi memorizada, a pessoa que facilita faz ainda uma terceira rodada, começando com uma bola. Antes que a bola passe por todas(os), após umas cinco pessoas terem recebido a bola, a pessoa que facilita vai, de surpresa, outras quatro bolas ao jogo, uma de cada vez, todas seguindo a ordem da rodada inicial.
- Após todas as bolas voltarem para as mãos de quem está na condução do energizador (considerando que algumas podem ser perdidas pelo caminho), a atividade é encerrada.

Dicas:

- Para quem vai facilitar a atividade é importante que deixe perto de si as quatro bolas que serão acrescentadas de surpresa, contudo, em lugar que não seja muito visível;
- As pessoas participantes não precisam mais ficar com as mãos levantadas.

Rede Social

Material: rolo de barbante ou novelo de lã.

Objetivos: favorecer o reconhecimento das pessoas participantes, provocar reflexão sobre a conexão existente entre as(os) participantes e a importância das redes de relacionamento.

Descrição: todas as pessoas participantes devem receber o rolo de barbante arremessado por uma/um colega e, quando estiverem com ele em mãos, devem

se apresentar dizendo o próprio nome e mais alguma informação que queiram dar a seu respeito. Na sequência, devem segurar o fio de barbante e arremessar o rolo para outra pessoa. É importante que ninguém solte a ponta do fio que está segurando, para que uma rede se forme no centro do círculo. Ao final, a rede formada pode servir de mote para que se inicie uma reflexão sobre as redes de relações pessoais (se existem, como existem, o que há de positivo em ter uma rede de pessoas com quem se relacionar).

Aperto de Mãos

Objetivo: dividir grupos em subgrupos de forma lúdica, proporcionando aproximação.

Material: tiras de papel com números escritos, conforme número de participantes e o número de pequenos grupos que se quer formar (2, 3, 4, 5).

Descrição: as pessoas participantes recebem um papel com um número escrito e devem lê-lo e guardá-lo em silêncio. Ainda sem se comunicar, circulam pela sala e devem se cumprimentar com aperto(s) de mão (movimento para cima e para baixo) seguindo o seguinte critério: se o número recebido for 3, aperta-se a mão da(o) colega três vezes; se o número da outra pessoa for 5, ela aperta a mão do colega cinco vezes. Ou seja, cada um irá apertar a mão o equivalente de vezes ao número que recebeu. Sem falar, vão de uma pessoa a outra até acharem alguém que tenha o mesmo número. As pessoas então se agrupam e continuam procurando os outros membros do grupo.

Buquê de Flores

Objetivo: dividir o grupo em subgrupos.

Material: tiras de papel com os nomes das flores, conforme o número de participantes e o número de pequenos grupos que se quer formar.

Descrição: as pessoas recebem um papel com o nome de uma flor e se agrupam com seus semelhantes. Caso a pessoa responsável pela facilitação queira formar dois grupos, deve colocar duas flores, formando dois grandes buquês, e assim por diante, conforme a necessidade da atividade (dois, três, quatro, cinco grupos = dois tipos de flores, ou três, quatro, cinco, e assim por diante).

Assim como a divisão por frutas possibilita a formação de grupos 'salada de frutas', é possível propor grupos com um exemplar de cada tipo de flor, compondo um buquê misto.

MATERIAL DE REFERÊNCIA- BUQUÊ DE FLORES

ROSA	GIRASSOL	TULIPA	MARGARIDA	ORQUÍDEA
ROSA	GIRASSOL	TULIPA	MARGARIDA	ORQUÍDEA
ROSA	GIRASSOL	TULIPA	MARGARIDA	ORQUÍDEA
ROSA	GIRASSOL	TULIPA	MARGARIDA	ORQUÍDEA
ROSA	GIRASSOL	TULIPA	MARGARIDA	ORQUÍDEA
ROSA	GIRASSOL	TULIPA	MARGARIDA	ORQUÍDEA
ROSA	GIRASSOL	TULIPA	MARGARIDA	ORQUÍDEA
ROSA	GIRASSOL	TULIPA	MARGARIDA	ORQUÍDEA
ROSA	GIRASSOL	TULIPA	MARGARIDA	ORQUÍDEA
ROSA	GIRASSOL	TULIPA	MARGARIDA	ORQUÍDEA
ROSA	GIRASSOL	TULIPA	MARGARIDA	ORQUÍDEA
ROSA	GIRASSOL	TULIPA	MARGARIDA	ORQUÍDEA

Maré Alta/Maré Baixa

Objetivo: descontrair e aproximar o grupo.

Material: folhas de papel em número equivalente ao de participantes

Descrição: cada pessoa participante recebe uma folha de papel e estas folhas são dispostas pelo chão, representando cada qual uma ilha. Todas devem caminhar por entre as ilhas. Quando quem conduz disser “MARÉ ALTA!”, quem estiver participando deve andar mais rápido. Quando disser “MARÉ BAIXA!”, deve andar mais devagar. Quando disser “TUBARÃO!”, precisa achar uma ilha para se salvar. Aos poucos, a pessoa que facilita vai tirando algumas ilhas e as pessoas participantes precisam se ajustar, ficando mais de uma na mesma ilha. Então, acabam tendo que se abraçar e se ajudar. Após o energizador, a pessoa que facilita pergunta as pessoas participantes o que acharam da atividade e como se sentiram ao executá-la.

Dica: o energizador pode promover nas/os participantes a reflexão sobre a necessidade de buscar ajuda e também sobre como reagem quando lhes solicitam auxílio.

A Banda

Objetivo: dividir o grupo em subgrupos.

Material: tiras de papel com os nomes dos instrumentos musicais, conforme o número de participantes e o número de pequenos grupos que se quer formar.

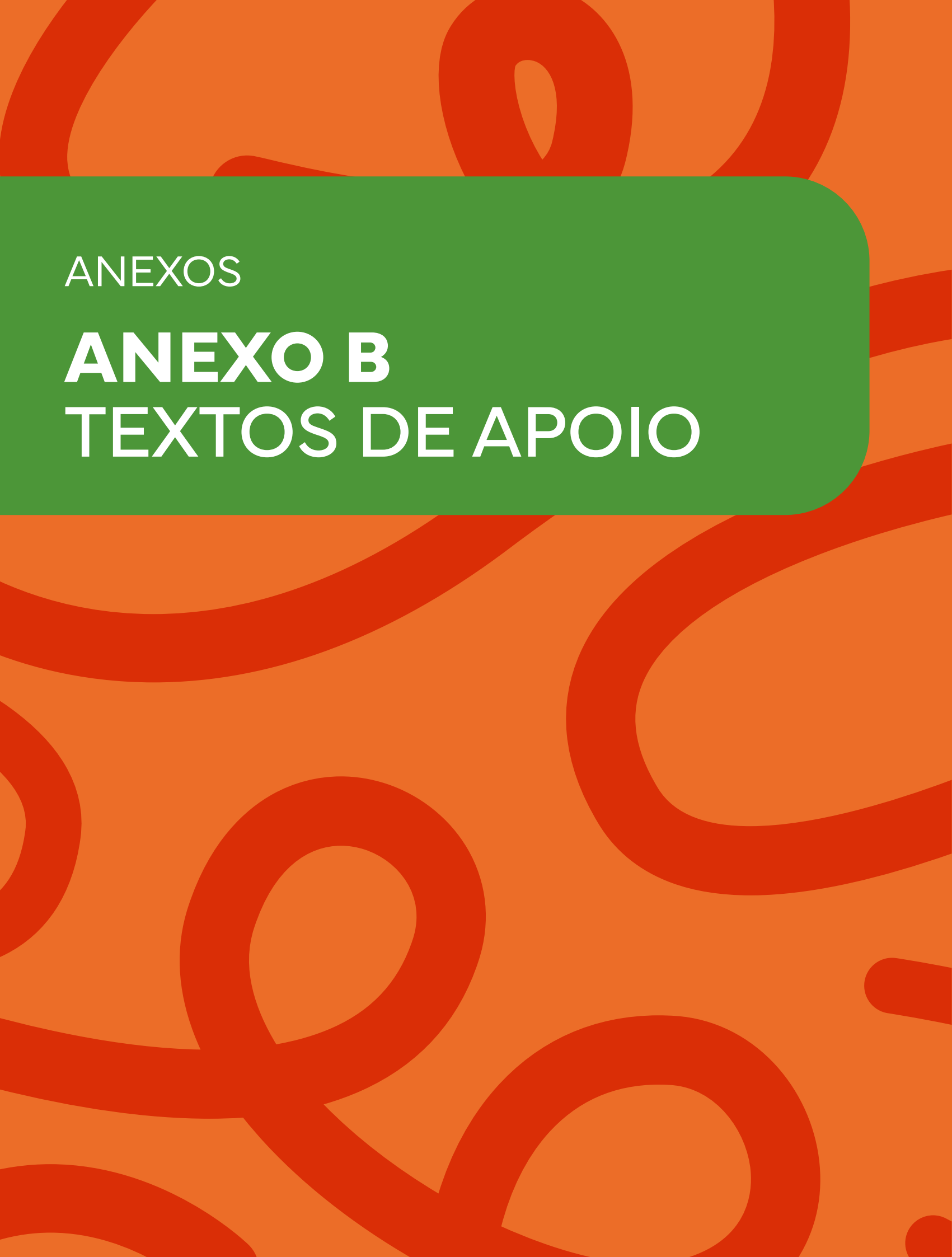
Descrição: cada participante recebe um papel com o nome de um instrumento musical. Sem falar, a partir de mímica (ou se sentir-se à vontade fazendo o som do instrumento), tem que encontrar outras(os) participantes que tiraram instrumentos iguais.

Assim como o Salada de Frutas, este energizador permite a redistribuição em novos grupos, exatamente pelo mesmo método: pede-se que os instrumentos musicais formem colunas, uma ao lado da outra, e as(os) primeiras(os) de cada coluna deslocam-se à frente, constituindo um novo grupo, e assim por diante. Desta vez, em vez da Salada de Frutas será formada uma Banda, com cada um dos instrumentos musicais.

MATERIAL DE REFERÊNCIA - A BANDA

BATERIA	GUIARRA	FLAUTA	VIOLINO	PANDEIRO
BATERIA	GUIARRA	FLAUTA	VIOLINO	PANDEIRO
BATERIA	GUIARRA	FLAUTA	VIOLINO	PANDEIRO
BATERIA	GUIARRA	FLAUTA	VIOLINO	PANDEIRO
BATERIA	GUIARRA	FLAUTA	VIOLINO	PANDEIRO
BATERIA	GUIARRA	FLAUTA	VIOLINO	PANDEIRO
BATERIA	GUIARRA	FLAUTA	VIOLINO	PANDEIRO
BATERIA	GUIARRA	FLAUTA	VIOLINO	PANDEIRO
BATERIA	GUIARRA	FLAUTA	VIOLINO	PANDEIRO
BATERIA	GUIARRA	FLAUTA	VIOLINO	PANDEIRO
BATERIA	GUIARRA	FLAUTA	VIOLINO	PANDEIRO
BATERIA	GUIARRA	FLAUTA	VIOLINO	PANDEIRO

[illegible]



ANEXOS

ANEXO B

TEXTOS DE APOIO

TEXTO DE APOIO PARA A PRIMEIRA OFICINA – DESENVOLVIMENTO DURANTE A ADOLESCÊNCIA

A adolescência é, muitas vezes, descrita como uma fase de transformação da vida, na qual se dá a transição da infância para a idade adulta. Contudo, também é, frequentemente, descrita como uma fase difícil, sendo uma época em que a família e/ou responsáveis precisam se adaptar às mudanças, ou mudar, o que é algo desafiador. Muitas vezes, as pessoas responsáveis têm dúvidas quanto à possibilidade de ainda poderem exercer influência sobre os comportamentos e decisões de suas(seus) filhas(os).

A adolescência é um processo que se inicia por volta dos 11 ou 12 anos e é caracterizada por enormes modificações em diversas áreas do desenvolvimento, tais como:

- Alterações físicas (a forma e o funcionamento corporal se modificam);
- Mudanças na personalidade e consolidação da identidade;
- Mudanças em relação à socialização (amigas(os) e colegas se tornam um grupo social importante);
- Significativos avanços no desenvolvimento do raciocínio lógico e desenvolvimento gradual do pensamento abstrato;
- Diferenciação do seu julgamento moral;
- Formulação de um sistema de valores pessoais.

À medida que amadurece, a(o) adolescente se depara com inúmeros desafios de ordens física e emocional, que envolvem aspectos individuais e sociais:

- Familiarizar-se com as mudanças do seu corpo e se reconhecer nele;
- Compreender e lidar com as suas emoções;
- Desenvolver uma autoimagem equilibrada e uma identidade estável, que permitam se ajustar, facilmente, aos papéis desempenhados como membro da sociedade, de diferentes grupos dentro dessa sociedade, e na relação com indivíduos e com um indivíduo especial, em particular;
- Desenvolver as habilidades de pensar criativamente, ser espontânea(o), encontrar novas soluções para situações cotidianas e, também, estar pronta(o) para experimentar novos campos, por vezes, desconhecidos;
- Tornar-se independente enquanto define, a partir de novas perspectivas, o seu papel na família;
- Ser capaz de pensar de forma abstrata e ver as coisas do ponto de vista de outra pessoa;
- Formular seus valores pessoais e sua atitude perante a vida.

Não há dúvidas de que as experiências vividas na primeira infância têm um papel importante neste processo. No entanto, a adolescência é um período de mudanças e uma oportunidade para que as pessoas responsáveis influenciem as(os) adolescentes de maneira decisiva. À medida que a(o) adolescente se esforça para atingir níveis mais complexos de autonomia e responsabilidade, a presença das pessoas responsáveis e o seu olhar atento e encorajador têm um papel relevante diante dos desafios que a(o) adolescente encontra e de seus avanços.

Adolescentes com idades entre 12 e 13 anos estão, geralmente, na primeira etapa da adolescência, considerada de justaposição (da infância e da adolescência). A maioria das pessoas responsáveis e da equipe escolar está muito familiarizada com o fato de que, nessa idade, muitas vezes, crianças/adolescentes mudam seu comportamento inesperadamente, manifestando-se de forma madura para infantil e vice-versa.

São algumas características mais específicas da primeira etapa da adolescência:

- Transformações físicas – há uma grande variedade de mudanças muito importantes que adolescentes vivenciam em seus corpos e é comum que haja grandes variações quanto ao ritmo individual de desenvolvimento;
- É um período profundamente emocional. As mudanças hormonais influenciam as manifestações emocionais e, frequentemente, podem determinar o comportamento, como, por exemplo, nos episódios de mudanças de humor repentinas;
- A perda da infância pode causar sofrimento para adolescentes;
- Adolescentes começam a perceber que são indivíduos únicos e que precisam encontrar seu novo papel na família e na sociedade. Nesta idade, passam para a segunda etapa do ensino fundamental, o que reforça a necessidade de definição de um novo papel (mais independente, porém, com mais obrigações);
- As fantasias sexuais e os sentimentos diversos em relação a pessoas de ambos os sexos podem confundir a(o) adolescente;
- É uma época em que a percepção de si é intensificada. Adolescentes são muito autocráticas/os, ainda que tenham uma autoimagem vaga;
- Muitas vezes, sentem-se diferentes, solitárias(os) ou não compreendidas/os pelas outras pessoas, sobretudo pela família (neste cenário, podem aparecer ideias fantasiosas sobre serem adotadas/os).

Nesse processo de experimentação e construção de identidade, seu posicionamento, na relação com os outros, oscila bastante, variando entre ser mais agressivas(os), submissas(os) ou cooperativas(os), por exemplo. Essas atitudes são influenciadas por fatores, como por exemplo: o que ela(e) aprende, cotidianamente, no contato com os outros; o modo como é tratada(o); um estado temporário mais ou menos acentuado de defesa em relação à incerteza de pensamentos e sentimentos estranhos que todo esse mundo novo desperta.

Durante essa fase, as capacidades de julgamento estão se ampliando e a(o) adolescente percebe, com mais nitidez, as incoerências do seu entorno. À medida que essas percepções se ampliam, é comum haver sentimentos de indignação e revolta frente às dissonâncias percebidas entre o que adultos dizem e o que fazem. Sentimentos de revolta podem ser entendidos, nesse contexto, como aprendizados e investigações, motivados por um forte senso de justiça. Desse modo, precisam ser abordados com franqueza, honestidade e respeito. Tratar esses desconfortos com respeito e veracidade não implica ser displicente ou permissiva(o), mas sim, atenta(o) aos anseios de adolescentes em busca de valores que possam orientar suas escolhas futuras.

Uma alteração muito importante durante a adolescência é o processo de ruptura com a família, no sentido da construção de uma vida mais independente,

e a responsabilização por escolhas autônomas. A(o) adolescente ainda depende bastante de orientação externa e autoridade de responsáveis, mas pode se recusar a aceitá-las. Comumente, luta por independência e tende a ignorar conselhos das gerações mais velhas. Os grupos de pares tornam-se importantes e podem, também, substituir as(os) responsáveis no seu papel de fornecer segurança e orientação. A aprovação de colegas fica tão importante quanto a aprovação de responsáveis.

Experimentar é uma parte intrínseca nesse estágio de desenvolvimento, em que as capacidades de discernir e perceber o seu entorno estão se ampliando e amadurecendo. Nesta etapa, o efeito positivo de muitas drogas pode ser visto como um alívio temporário para a ansiedade ou como meio de produzir uma sensação de euforia. Justamente, nessa direção, adolescentes são o grupo-alvo de propagandas, cuja mensagem implícita é: sinta intensamente, rapidamente ou consuma... e você fará parte de um grupo. Você terá uma identidade.

Evidências de pesquisas sobre a relação das pessoas adultas responsáveis com os comportamentos de adolescentes relacionados ao uso de drogas apontam que:

- O uso de drogas durante a adolescência pode estar diretamente relacionado ao estilo das(os) responsáveis. Reformulação positiva: a influência que as pessoas responsáveis exercem sobre as(os) adolescentes ainda é de grande importância. Muitas vezes, elas(es) subestimam a extensão de sua própria influência, acreditando que a presença dos pares é o único fator decisivo no comportamento de adolescentes no que diz respeito ao uso de drogas; O relacionamento entre adolescentes e familiares/pessoas responsáveis, o apoio, o incentivo e a supervisão das pessoas adultas estabelecendo regras nítidas, bem como fomentando um ambiente familiar livre de conflitos, são condições que contribuem, significativamente, para um desenvolvimento saudável e crítico de prevenção ao uso de drogas. A presença próxima das pessoas adultas que têm papel de referência talvez seja mais importante durante este período do que na infância;
- Uma pesquisa demonstrou que adolescentes apreciam a participação de familiares/responsáveis em programas de prevenção ao uso de drogas e adquirem maior confiança no que dizem, sentindo que isso poderia afetar as suas próprias decisões em relação ao uso (Velleman R. et al, 2000). Ao falar com as(os) filhas(os) sobre este tema, é importante que as pessoas responsáveis tenham conhecimento sobre drogas. Por isso, é muito útil ter acesso às mesmas informações que as(os) filhas(os) recebem durante um programa de prevenção.

TEXTO DE APOIO PARA A SEGUNDA OFICINA – FAMÍLIAS COM FILHAS(OS) ADOLESCENTES

A adolescência é uma época de muitas mudanças e algumas das pessoas de referência têm dificuldade em lidar com esse novo contexto. Mesmo que neste período as(os) filhas(os) passem a participar de grupos fora da família, as pessoas responsáveis ainda têm um papel crucial em seus comportamentos e decisões. Na busca por encontrar formas construtivas de resolver os conflitos mais comuns, pode ser útil refletir sobre as principais questões que surgem no relacionamento das pessoas responsáveis pela(o) adolescente nesta fase.

Com o amadurecimento físico e a aquisição de novas capacidades, (a)o adolescente inicia um processo onde a busca por independência e autonomia é central. Na idade de 12 ou 13 anos começa a procurar por aventuras fora dos padrões familiares, sem, no entanto, romper os vínculos com a família e de apoio. Lutar pela independência e pela autonomia é um processo necessário para o desenvolvimento da criança e um pressuposto para a idade adulta.

A capacidade de cumprir suas necessidades básicas e alcançar o autocontrole também implica a responsabilidade de tomar as próprias decisões e formar as próprias opiniões. As pessoas responsáveis, muitas vezes, se queixam de que as(os) adolescentes declaram ter idade suficiente para serem consideradas(os) independentes, embora ainda não se comportem como tal, parecendo agir de forma infantil e irresponsável do ponto de vista de uma pessoa adulta.

É importante lembrar que estamos falando de um longo processo de crescimento mútuo, no qual as crianças estão aprendendo a assumir as responsabilidades e as consequências de suas decisões e de seu comportamento, enquanto as pessoas responsáveis estão aprendendo, gradualmente, a ceder na sua autoridade e a confiar nas(os) filhas(os) como pessoas que estão conquistando certa autonomia.

As pessoas responsáveis desempenham papel importante neste processo, possibilitando que a(o) adolescente expresse sua própria opinião sem renunciar às suas ideias e valores (esta é uma tarefa extremamente importante) e ainda favorecendo a própria autonomia. Isso ocorre quando as pessoas responsáveis incentivam suas/seus filhas(os) a expressar os próprios pensamentos e sentimentos, estimulando-as(os) a considerar outros aspectos da vida e pontos de vista diferentes (Mendes F. et al., 1999).

Também é preciso levar em consideração que adolescentes têm acesso a muito mais informações (por exemplo, através da internet e redes sociais) e são influenciadas(os) por diversas fontes de informação, sobre os quais as pessoas responsáveis não têm controle (blogs, sites). No entanto, ainda que as crianças tenham maior capacidade de buscar e encontrar informações, são as pessoas responsáveis que poderão orientá-las(os), de forma a avaliar a informação e escolher o que é mais adequado.

A autonomia tem que ser gradualmente concedida dentro do seu grupo mais próximo (que toma decisões, respeitando as opiniões e participação das(os) adolescentes), bem como no mundo lá fora, em sociedade (como na escolha de amigos ou na forma como a(o) adolescente gasta o seu dinheiro). É inevitável

que durante este processo surjam tensões e conflitos. Embora possa haver um acordo relativo à necessidade de autonomia, espera-se que uma divergência de opiniões possa surgir em relação às noções de liberdade e autocontrole.

Adolescentes, geralmente, querem ter controle sobre a escolha de seus vínculos de amizade e sua vida social. Responsáveis queixam-se de que as(os) filhas(os) não apresentam organização pessoal e comprometimento com suas obrigações escolares, por exemplo. Responsáveis podem reconhecer que as(os) adolescentes têm idade suficiente para permanecer fora de casa por mais tempo, mas continuam acreditando que é muito cedo para que sejam tão independentes.

É importante reconhecer que, mesmo que adolescentes estejam em busca de liberdade e tentem se tornar autônomas/os, as(os) responsáveis também estão redefinindo seus papéis e formas de se relacionar com a(o) adolescente. A maioria passa muitos anos da vida quase que, exclusivamente, cuidando de suas/seus adolescentes. Assim, concomitantemente, muitas pessoas responsáveis vivenciam uma fase conhecida como a crise da meia-idade, similar à de suas(seus) filhas(os), na qual repensam os próprios valores e a maneira como aproveitam suas vidas.

As questões intensas e conflitos que podem surgir durante essa crise (minha carreira foi importante? Com quem estou casado todos esses anos? Agora tenho que cuidar dos meus próprios pais?) aumentam as dificuldades de negociação com as(os) adolescentes e os tornam incapazes de realizar o diálogo necessário, com a estabilidade e a firmeza que as pessoas mais velhas deveriam ter.

Outro fator que contribui para as dificuldades no relacionamento responsáveis/adolescentes durante esse período é a desconstrução do ideal das(os) responsáveis por parte de adolescentes. O aumento da autoconfiança leva (especialmente, na fase inicial da adolescência) a uma sensação de onipotência. Da noção de que: eles sabem tudo, a(o) adolescente deriva: eu sei tudo. Só mais tarde, ela(e) será capaz de aceitar a relatividade do conhecimento (Mendes F. et al, 1999).

Os focos de tensão acima ilustrados, aos quais responsáveis estão expostos, contribuem para a perda da autoestima e provocam uma sensação de impotência. Para que a família se desenvolva, e para que a(o) adolescente amadureça, é importante que as(os) responsáveis reconheçam seus próprios sentimentos de frustração e rejeição, aprendendo a lidar com as mudanças nas formas como o amor, a admiração e a autoridade se dão na adolescência.

A adolescência pode ser o impulso necessário para a renovação da vida em família. Isso ocorre devido a um processo equivalente de criação de autonomia, tanto das(os) responsáveis como das(os) adolescentes, o que implica, necessariamente, ganhos e perdas de ambos os lados. As diferenças entre as gerações que convivem na família não devem ser negadas, pelo contrário, são fundamentais para o desenvolvimento e o progresso contínuos do sistema familiar, devido à ampliação da capacidade de aceitação e negociação que provocam.

À medida que as(os) adolescentes transitam por um período de confusão e de sentimentos ambíguos, as pessoas responsáveis precisam ser firmes, assertivas e dar apoio. Ainda que seja a partir da diferença de opiniões e das discordâncias com suas(seus) responsáveis que adolescentes, gradualmente, constroem sua própria identidade e autonomia, a presença de limites e de regras nítidas é

condição necessária, permitindo que avaliem, com segurança, se suas convicções e escolhas são corretas e adequadas.

Em outras palavras, adolescentes precisam de alguma pessoa(s) responsável por perto para serem assertivas(os) enquanto se movem para além das barreiras familiares. Como um bebê, que ao dar o primeiro passo em direção a uma outra pessoa olha para trás, para ter certeza de que a(o) responsável está presente, as(os) adolescentes também precisam de um forte vínculo emocional com a família e/ou pessoas adultas por elas(es) responsáveis para avançar em sua independência. Portanto, a adolescência é um momento de cuidado e afirmação do vínculo e não uma fase para discussão e briga.

TEXTO DE APOIO PARA A TERCEIRA OFICINA – ESTRATÉGIAS MAIS COMUNS UTILIZADAS POR MÃES/PAIS EM SUAS RELAÇÕES COM FILHAS(OS) E SEUS POSSÍVEIS EFEITOS SOBRE O COMPORTA- MENTO DA(O) ADOLESCENTE.

ESTILOS DE PARENTALIDADE

Durante a adolescência, o relacionamento entre adultos e adolescentes muda e um novo equilíbrio referente à autoridade e ao poder de responsáveis sobre as(os) adolescentes deve ser conduzido.

Ainda que um movimento de distanciamento da(o) adolescente em relação ao núcleo familiar ocorra durante este período, as/os responsáveis ainda exercem influência decisiva sobre o desenvolvimento da(o) adolescente. O enredo familiar e a disciplina que usam para lidar com a busca da(o) adolescente pela sua independência e os conflitos despertados por esses confrontos têm impacto imediato sobre o comportamento e as escolhas na adolescência.

É importante notar que, ao avaliar diferentes modos de exercer a parentalidade, é preciso não tomar o nosso modo como único, ampliando os olhares para novas configurações e formas familiares de integração.

Em seus esforços em definir a forma como devem tratar filhas(os), as(os) responsáveis acabam se apoiando, principalmente, nos métodos herdados de seus exemplos familiares e na sua própria experiência. Às vezes, torna-se uma questão central não repetir os padrões de relacionamento que vivenciaram na própria adolescência.

Além disso, nas últimas décadas, os conselhos contraditórios dos especialistas têm confundido as(os) responsáveis. Elas(es) podem ter crescido em uma época na qual a principal orientação em relação a métodos de disciplina, punição e recompensa era de que as crianças seriam transformadas em pessoas responsáveis, enquanto, nos anos seguintes, foram incentivadas(os) a deixar as(os) filhas(os) se expressarem livremente, sem quaisquer restrições.

Todos os fatores acima mencionados influenciaram a credibilidade das teorias sobre estilos de parentalidade. É importante levar em conta, contudo, que os princípios e as ideias relativos aos métodos parentais também são reflexos dos princípios e das ideias da sociedade em que vivemos.

Hoje em dia, as crianças aprendem que seus direitos e os conceitos de democracia e igualdade são parte do seu vocabulário. Ao mesmo tempo, as necessidades de autocontrole e limites também existem, como pressuposto para uma sociedade justa e um futuro saudável. Responsáveis precisam ajustar seus valores e crenças às mudanças que ocorrem no mundo, fora da sua família e, em alguns casos, talvez seja necessário redefinir as próprias ideias sobre o estilo de parentalidade que utilizam.

Educar uma pessoa adolescente pode ser descrito como um processo de transformações e crescimento mútuos. A presença ativa e a proximidade com responsáveis na relação com suas(seus) filhas(os) são consideradas, até mesmo, como mais importantes do que em qualquer outra fase do desenvolvimento da criança.

Este papel das(os) responsáveis ainda implica em a(o) adolescente ter a oportunidade de assumir a responsabilidade pelo próprio comportamento e experimentar as consequências positivas ou negativas de suas escolhas. É importante que familiares/responsáveis possibilitem às(aos) adolescentes a oportunidade de cometer erros para experimentar o fracasso, assim como o sucesso, para, dessa forma, aprenderem a lidar com a frustração, caso seus desejos não sejam alcançados ou tenham que esperar até que consigam o que querem.

Podem-se definir dois estilos gerais de disciplinas que não reforçam o comportamento responsável e independente da criança: extrema repressão ou permissividade absoluta. Se as(os) responsáveis colocam de lado todas as suas necessidades pessoais a fim de darem tudo para a criança, podem se tornar superprotetoras(es) e restringirem a capacidade da(o) adolescente de gerenciar dificuldades e se controlar. Por outro lado, se são extremamente permissivos e não colocam regras na família, suas(seus) filhas(os) não serão capazes de ajustar seu comportamento às restrições e regras externas.

Quando não são assertivos durante a negociação com as(os) adolescentes, as pessoas responsáveis não ajudam a se conscientizarem da importância de regras para a vida, privando-as(os) da relevância de prever as necessidades dos outros e das condições necessárias para o desenvolvimento do seu julgamento moral.

Da mesma forma, se as(os) adolescentes são confrontados com um excesso de controle ou repressão de suas(seus) responsáveis, poderão ter dificuldades de se ajustar às regras e limites para se tornarem independentes. O controle excessivo pode despertar o desejo de combater as regras estritas e torná-las(os) mais vulneráveis às influências fora do ambiente familiar.

De acordo com estudos sobre os efeitos dos estilos de paternidade em diferentes culturas (Mendes et al., 1999), quanto mais mães/pais/responsáveis discutirem e compartilharem suas decisões com as(os) filhas(os), mais elas(es) serão motivadas(os) a tomar iniciativas, tendo um sentimento de independência, liberdade, autoestima e apropriação interna e pessoal do processo vivido.

Além disso, neste mesmo estudo verificou-se que atitudes de mães/pais/responsáveis com a disciplina e com comportamentos antissociais (não ter regras nítidas sobre o uso de álcool e drogas; tolerar o uso de substâncias e comportamentos destrutivos da(o) filha(o)) são consideradas fatores familiares de

risco, associados ao uso de substâncias.

Durante a adolescência, as(os) responsáveis precisam ser firmes no sentido de não abrir mão de seus posicionamentos e diretrizes. O uso da autoridade pode ser aprendido e ajustado, no sentido da flexibilidade e adequação às situações. É importante não confundir firmeza com repressão ou comando excessivo e querer ter controle sobre os atos das(os) adolescentes.

No entanto, expressões como você tem que fazer isso, porque eu estou falando ou você é muito imatura(o) para saber o que é melhor para você devem ser evitadas. Uma proposta para a formulação seria: conte-me sobre suas próprias experiências e diga por que você acha que eu estou errada. É útil para adolescentes estarem cientes dos limites estabelecidos por suas(seus) responsáveis e, também, para terem a oportunidade de negociar os acordos estabelecidos (exemplos: em relação aos deveres de casa e da escola, à hora de voltar para casa, realização de atividades domésticas etc).

São algumas questões importantes para o estabelecimento de regras na família:

- Envolver a(o) adolescente no estabelecimento das regras e na definição das consequências ao quebrá-las;
- Diferenciar as regras inegociáveis das regras que podem ser discutidas;
- Estabelecer, junto com a(o) adolescente, zonas de independência para ela(e) (roupas, quarto, sala);
- Ser evidente e firme em lembrar as regras negociadas;
- Estar ciente de suas próprias atitudes, limites e expectativas;
- Suas ações devem ser coerentes com as regras estabelecidas.

Adolescentes, especialmente nas idades de 12-13 anos, podem ter grandes dificuldades de seguir o que foi negociado. Tendo em mente que, nesta fase, são influenciadas(os), principalmente, pelo aqui e agora, é compreensível que tentem a responder à situação imediata em detrimento ao que foi previamente acordado (um amigo quer confidenciar um segredo depois da escola/ tenho que ir para casa imediatamente após a escola, ou então avisar que irei me atrasar). Entender o comportamento não significa que ele tenha que ser aceito, mas permite aos responsáveis serem gentis na correção da atitude.

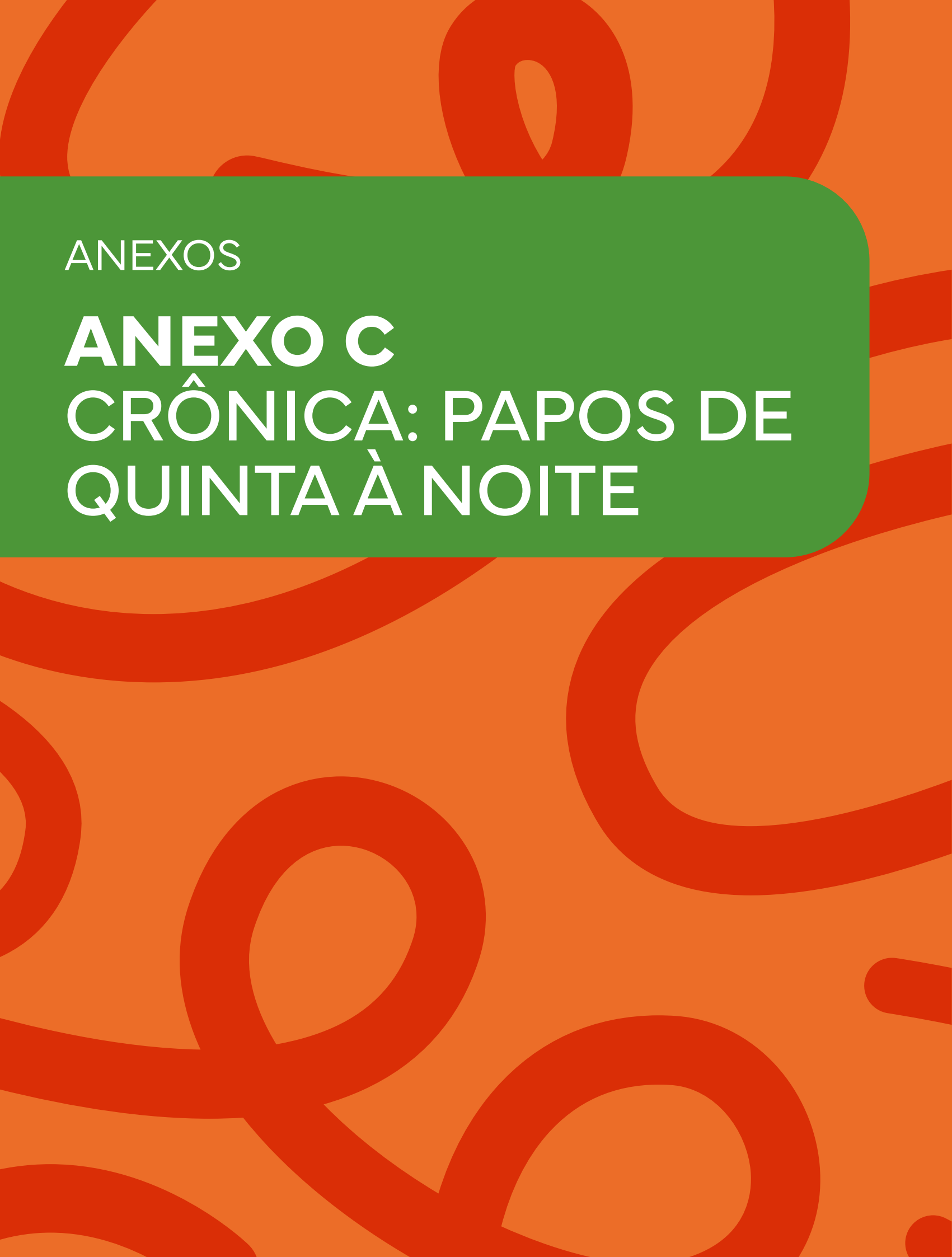
Como Bob Myers (1996) aponta: “Minha experiência com adolescentes rebeldes, ao longo dos anos, me ensinou que quanto mais controle tentarmos ter sobre um filho, menos influência teremos sobre o comportamento dele. Quanto mais controle temos sobre nossa paternidade, mais influência temos sobre o comportamento da criança.”

REFERÊNCIAS

- Brook J.S., Brook D.W., Gordon A.S., Whiteman M. & Cohen & P. (1990): A etiologia psicossocial do uso de drogas na adolescência: uma abordagem familiar interacional. Monografias de Genética, Social e Psicologia Geral, 116, 2.
- Dinkmeyer D., McKay G.D. (1983) Guia dos Pais. A adoção de abordagem na educação de seu filho(o) adolescente. Serviço Americano de Orientação.
- Instituto Nacional sobre o Abuso de Drogas (2003). Prevenção do uso de

drogas entre crianças e adolescentes – um guia baseado em pesquisa. Departamento Americano de Serviços Humanos e de Saúde.

- Mendes F., et all. (1999) As relações familiares e prevenção primária do uso de drogas na adolescência. Irefrea. Coimbra – Portugal.
- Myers B. (1996) Criando adolescentes responsáveis. Jessica Kingsley Publishers. Londres.
- Petraitis j., fl ay, b.r . & miller , t .q. (1995). Revendo as teorias do uso de substâncias pelas(os) adolescentes: organizando peças do quebra-cabeça. Psychological Bulletin, 117,67-96.
- Velleman Richard, Mistral Willm & Sanderling Lora (2000). Levando a mensagem para casa: envolver os pais na prevenção das drogas. Universidade de Bath.
- Simons-Morton B., Crumpa D ., Haynie d.l., Saylorkeitel P. & Yuk. (1999) Fatores psicossociais, escolares e da paternidade, associados ao tabagismo juvenil recente – meninos e meninas adolescentes. Medicina Preventiva, 28, 138-148.
- Steinberg L., Lamborn S.D., Dornbusch S.M. & Darling N. (1992). Impacto das práticas de educação sobre o aproveitamento da(o) adolescente: paternidade autoritária, o envolvimento da escola e o encorajamento para o sucesso. Desenvolvimento Infantil, 63, 1266-1281.



ANEXOS

ANEXO C
CRÔNICA: PAPOS DE
QUINTA À NOITE

Cauê Laratta Vasconcelos

Começa assim, num jantar, geralmente. Família reunida; todos reunidos em volta do alimento, contando, animados, os poucos fatos que estão fora do cotidiano normal e que ocorreram durante o dia. Até que um dos filhos, o mais corajoso no momento (o que não é garantia de nada), diz, reticente:

– Mãe... O pessoal vai sair amanhã... Andar por aí. Talvez um futebolzinho, talvez não... Sabe? Vagabundear por aí...

A mãe encara o filho nos olhos. O filho não sorri. Antes, ele sorria; agora, não mais. Não pode demonstrar fraquezas; tenta parecer natural. Então, finalmente, após o silêncio mortal que se fez à mesa e todas as cabeças virarem em expectativa, vem a pergunta:

– Posso ir?

Murmúrio geral. O pai balança a cabeça; o irmão menor ouve tudo, atentamente, com um olhar interessado no rosto; a irmã sorri para o frango, descrente.

– Então? – pergunta o irmão, decidido a ir até o fim.

A mãe o encara novamente. Tem algo estranho... Os dois preparam seus argumentos. Começa a briga:

– Aonde você vai?

O filho estuda a pergunta da mãe. Que estratégia ela estaria usando dessa vez? Pensa em cada vírgula antes de responder.

– Já disse que não sei... Mas em nenhum lugar muito longe. Qualquer coisa, eu te aviso.

Boa resposta, pensa a mãe. Ele está falando sério.

– De fato, eu não me preocupo muito com o lugar em que você está, desde que eu esteja avisada. Como pretende me avisar?

Essa ele já esperava. Havia começado bem, aberto vantagem. A irmã agora olhava para ele, tentando lhe falar alguma coisa. O irmão havia parado de comer e também o olhava, mas não podia se distrair. A resposta já estava programada:

– Celular.

A mãe esperava a resposta. Porcaria de celular! Precisava de tempo, argumentos... Os seus já estavam se esgotando...

– E com quem você vai? Não me diga que é com aqueles seus amigos malucos de novo!

Ele sabia que o problema não eram seus amigos; sua mãe mal os conhecia.

– Na verdade muitos deles não vão: uns estão de castigo; outros estão proibidos de sair...

Lógico que ninguém, muito menos seus amigos, estava proibido de sair. Na verdade, era apenas para a sua mãe pensar que, pelo menos, os piores não iriam.

A mãe estava quase ficando sem argumentos... Precisava de uma brecha, uma oportunidade... Mas parecia que, dessa vez, ele viera decidido. Tentou outra

saída. Estava quase cedendo... Precisava de uma chance... Decidiu metralhá-lo logo, para desestabilizar o adversário:

– Que horas? Como você vai? Como volta? E se acontecer alguma coisa? Eu fico muito preocupada com você longe de casa...

– Às duas, eu não volto tarde. Vou de metrô, já tenho passe. Na volta, meu amigo me deixa aqui, é caminho, não vou incomodá-lo. Qualquer coisa, te ligo do celular. Se o celular quebrar, do celular do meu amigo. Em caso de terremoto, chuva de raios ou quaisquer cataclismos ambientais ou não, eu fico na casa do meu amigo mesmo e te ligo.

Quase disse “até duas vezes, se precisar”. Isso poderia ter arruinado tudo. Não podia parecer suplicante. Não agora, que estava tão perto da vitória. Comeu uma coxa para ganhar forças. Percebeu que seu irmão, agora, mal respirava, e que sua irmã chegara mais perto dele e segurava sua mão por baixo da mesa. Sentia-se um herói da família. Se ele conseguisse sair, seria motivo para a mãe deixar todos os outros saírem também. A comida esfriava, mas isso já não importava mais: estavam apenas concentrados no calor da batalha.

A mãe olhou para o marido, que tentava se manter calmo, comendo lentamente o macarrão. Agora, já não adiantava mais sua ajuda. Vacilou. Usou seus recursos cedo demais. Perdeu essa batalha, mas estava disposta a deixar óbvio que ela não cederia facilmente, e que, da próxima vez, vem que tem!

– Ainda assim, não sei se deixo...

– Por favor, mãe. A gente tá combinando isso já faz o maior tempão... Vai todo mundo! Até o Miltinho!

Óbvio que não existia nenhum Miltinho, mas isso não fazia diferença agora. Percebeu que sua mãe respirou fundo (como se fosse dizer: ai, ai... Fazer o quê, né? Pode ir, mas só dessa vez!). No entanto, na alegria da iminente vitória, ele foi tomar o suco e apanhou o copo errado (o da irmã) que, agora, estava quase em cima dele, de tão perto. Foi o nervosismo. Tentou dar risada, e dizer um opal, descontraído, mas sua mãe percebera sua falha.

– Tá bom, eu deixo você ir, mas com uma condição.

Ao som do deixo você ir todos na mesa ficaram ligados na conversa, até o frango. Qual seria a condição? Qual seria a última arma da mãe? Quem venceria dessa vez? O silêncio era ensurdecedor e a única coisa que se mexia na mesa era a fumaça que saía da travessa de macarrão.

Mas a mãe havia notado a grande falha do filho, o escorregão no momento em que cruzava a linha de chegada. Tinha que dar certo.

A mão da irmã apertou a do irmão mais forte. Quando a mãe virou-se para olhar pro pai, ela disse para o irmão, com o movimento dos lábios: *faça o que ela disser!* Nem precisava. Se ela pedisse para ele lavar a louça por uma semana, ele lavaria, e ainda limparia o fogão também, pra ganhar crédito para a próxima batalha. O irmão menor tinha um sorriso trêmulo nos lábios e parecia segurar um grito.

A mãe se preparou para falar. Os irmãos nem pensavam. Ela respirou e, finalmente, disse:

– Eu quero o telefone do Miltinho. Deixa comigo. Só pra eu ter um amigo seu de contato, caso você não consiga falar comigo.

De repente, o filho caiu do pedestal. Foi como se tivessem batido na sua cabeça com a travessa de macarrão, que, agora, nem fumegava mais. Seus olhos brilharam de ódio. A mãe sorriu com desdém. Estava desarmado. Sem perceber, deixou seu queixo cair. Fechou a boca. O pai olhava pra mulher, orgulhoso. Os irmãos esperavam a resposta do mais velho, mesmo sabendo que o Miltinho era uma farsa, mas não houve resposta.

– Agora, se você não se importa, vai lá pegar o sorvete pra gente, vai?

O filho levantou, indignado. Tivera a vitória nas mãos e...

A irmã levantou também. Com uma expressão assassina nos olhos, seguiu o irmão.

O irmão menor, sem nem saber por que, seguiu os dois, automaticamente.

Na cozinha, a irmã gritava com o mais velho, enquanto ele abria o congelador:

– Miltinho? Isso lá é nome de amigo seu?! Como você é idiota!!! Você não consegue nem ao menos pegar o seu próprio copo?!

– Antes ser idiota, do que ter medo de tentar.

A irmã se calou. Batendo o pé, voltou à sala, agindo normalmente.

O irmão mais novo se aproximou. Colocou a mão no ombro do outro e falou pela primeira vez na noite.

– Valeu! O importante é que você tentou! Da próxima vez, você consegue!

E os dois voltaram para a mesa. Abriram o sorvete e não se falou mais nisso.



ANEXOS

ANEXO D
BIBLIOGRAFIA
COMPLEMENTAR

REDE DE APOIO A ADOLESCENTES

Moreira, M.C. & Sarriera, J.C. Satisfação e composição da rede de apoio social a gestantes adolescentes. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 13(4), p. 781-789, out./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n4/v13n4a16.pdf>

Siqueira, A.C., Bett s, M.K., Dell'aglio, D. D. A Rede de Apoio Social e Afetivo de Adolescentes Institucionalizados no Sul do Brasil. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 40(2), 2006. Disponível em: <http://www.msmedia.com/ceprua/artigos/acs2.pdf>

FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO

Schenker, m., & Minayo, m. c. s. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(3), 707-717, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000300027&lng=en&tlng=pt. 10.1590/ S1413-81232005000300027.

ANEXOS

ANEXO E **SUGESTÕES DE** **FRASES PARA OS** **CRACHÁS**

Educar é crescer, e crescer é viver. Educação é assim: vida no sentido mais autêntico da palavra.

Anísio Teixeira

Liberdade de voar num horizonte qualquer, liberdade de pousar onde o coração quiser.

Cecília Meireles

De tanto olhar longe, não vejo o que passa perto...

Cecília Meireles

Porque ensinar é regar a semente sem afogar a flor.

Sérgio Vaz

Revolucionário é todo aquele que quer mudar o mundo e tem a coragem de começar por si mesmo.

Sérgio Vaz

É necessário o coração em chamas para manter os sonhos aquecidos.

Sérgio Vaz

Sou como você me vê.

Posso ser leve como uma brisa, ou forte como uma ventania, Depende de quando e como você me vê passar.

Clarice Lispector

Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero uma verdade inventada.

Clarice Lispector

Ela acreditava em anjo e, porque acreditava, eles existiam.

Clarice Lispector

Feliz aquele que transfere o que sabe, e aprende o que ensina.

Cora Coralina

Se a gente cresce com os golpes duros da vida, também podemos crescer com os toques suaves na alma.

Cora Coralina

Quem tem muito pouco, ou quase nada, merece que a escola lhe abra horizontes.

Emília Ferreira

Um dos maiores danos que se pode causar a uma criança é levá-la a perder a confiança na sua própria capacidade de pensar.

Emília Ferreira

Por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa.

Emília Ferreira

O saber entra pelos sentidos, e não somente pelo intelecto.

Frei Betto

Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.

Guimarães Rosa

O saber que não vem da experiência não é realmente saber.

Lev Vygotsky

Uma palavra que não representa uma ideia é uma coisa morta, da mesma forma que uma ideia não incorporada em palavras não passa de uma sombra.

Lev Vygotsky

Através dos outros, nos tornamos nós mesmos.

Lev Vygotsky

O segredo é não correr atrás das borboletas... É cuidar do jardim para que elas venham até você.

Mário Quintana

Se as coisas são inatingíveis... ora! Não é motivo para não querê-las... Que tristes os caminhos, se não fora A presença distante das estrelas!

Mário Quintana

Linha Curva: o caminho mais agradável entre dois pontos.

Mário Quintana

Linha Reta: linha sem imaginação.

Mário Quintana

Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante!

Paulo Freire

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre.

Paulo Freire

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele.

Paulo Freire

É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal maneira que num dado momento a tua fala seja a tua prática.

Paulo Freire

Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.

Paulo Freire

A leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Paulo Freire

Isso de a gente querer ser exatamente o que a gente é, ainda vai nos levar além.

Paulo Leminski

